

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

JOÃO FRANCISCO SCHRAMM

A ALTERIDADE ALIENÍGENA NO DISCURSO MILITAR

Brasília, 2011

JOÃO FRANCISCO SCHRAMM

A ALTERIDADE ALIENÍGENA NO DISCURSO MILITAR

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia.

Brasília, 2011

JOÃO FRANCISCO SCHRAMM

A ALTERIDADE ALIENÍGENA NO DISCURSO MILITAR

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Doutor Carlos Emanuel Sautchuk (Orient.)
Departamento de Antropologia – UnB

Doutor Guilherme José da Silva e Sá
Departamento de Sociologia - UnB

Brasília, 2011.

SCHRAMM, João Francisco

Ensaio sobre uma alteridade alienígena

Monografia – Antropologia Social

Brasília: UnB, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Emanuel Sautchuk

**1. Alteridade Alienígena – 2. Ufologia– 3 Arquivos Militares.– 4. Documentos
Oficiais – 5. Exopolítica**

Aos meus amigos

Sumário

Introdução: Uma proposta de alteridade.....	1
--	----------

Capítulo 1: Alienígenas e alteridades.....	4
---	----------

Fenômeno óvni

Um tiro foi dado no escuro

Sondas ao mar!

Capítulo 2: Alienígenas oficiais.....	21
--	-----------

Academias de oficiais militares

Onda de maio

Operação Prato

Sioani

Ceifo

Capítulo 3: Alienígenas extraoficiais.....	47
---	-----------

Entrevista com Uyrânge

Disclosure Project

Exopolítica

Considerações Finais:	65
------------------------------------	-----------

Bibliografia	69
---------------------------	-----------

Introdução

Uma proposta de alteridade

Quando enfatizamos alienígenas nos referimos a seres extraterrestres, presenças desconhecidas, espíritos; taxonomia aplicada aos que “não existem” ou que existem, mas são desconhecidos. Falamos sobre o mistério de presenças desconhecidas, que podem habitar mundos paralelos e distantes.

A busca pelo ser alienígena encontra seu lugar em inúmeras narrativas possíveis e também em projetos da agência espacial norte-americana, com equipes de biólogos, astrônomos, matemáticos e físicos. Compartilham suposições a respeito da possibilidade de vida inteligente em outros planetas, no esforço por preestabelecer também que a espécie humana, em toda a Terra, está sozinha e isolada de consciências inteligentes não humanas.

Os cientistas de tais projetos¹ consideram que os prováveis alienígenas inteligentes estão espalhados pela galáxia, mas não entraram em contato com a civilização terrestre. Além de perscrutar o espaço em busca de sinais (de rádio) artificiais, enviam sinais, físicos e eletromagnéticos, como veremos a seguir.

Patrocinados pelos Estados Unidos da América (EUA), seus programas são como um apêndice aeroespacial do complexo militar industrial dessa nação. A busca por apresentar a espécie humana utilizou tecnologia da maior antena do mundo e a carona de sondas espaciais que se desgarraram da presença gravitacional do sistema solar e permanecem vagando pelo cosmos.

Portanto, para tais cientistas, prováveis são os alienígenas, mas estes encontram-se distantes, inacessíveis, e parte do esforço humano foi acenar em sua direção praticamente às cegas. Tal perspectiva, que recebe ampla notoriedade e respaldo científico, difere de alguns tantos discursos de tradições não ocidentais, praticamente incontáveis².

¹ Projeto Seti (*Search for Extraterrestrial Intelligence*), da agência espacial dos Estados Unidos da América.

² Encontramos, para exemplo, a taxonomia referente aos “seres inorgânicos” na tradição tolteca sugerida nas obras do dr. Carlos Castañeda, sendo que alguns são terráqueos, outros não, bem como a presença dos hominídeos reptilianos *Chitauri* (ditadores) da tradição zulu, que vivem em mundos subterrâneos da Terra, presentes nas narrativas do xamã Credo Mutwa, ou mesmo as variadas entidades das culturas ameríndias, como o ser *Bebgororoti* da tradição Caiapó.

São raras as pesquisas que abordam as narrativas de alteridade alienígena no ocidente. Alguns desses esforços, como a obra *O mito da ciência e a ciência do mito* (1984), de José Ferreira Neto, dissertam sobre grupos de ufologia em Brasília; outros se ocupam em analisar as iniciativas da agência espacial norte-americana em busca de civilizações extraterrestres, como a dissertação *Inteligência extraterrestre e evolução* (1990), de Jayme Aranha, esforços que serão recapitulados e discutidos mais adiante.

Além de grupos de ufologia e projetos espaciais norte-americanos, encontramos alienígenas evocados por veteranos militares na reserva que relatam suas experiências em distintas situações. Os congressos de pesquisadores da alteridade alienígena, como o *Exopolitic* que ocorreu em Barcelona em 2009, reúnem militares de altas patentes que discorrem sobre eventos que presenciaram e apontam uma alteridade relacionada principalmente com a presença de óvnis (objetos voadores não identificados)³.

Em 2001, o *Disclosure Project* promoveu uma conferência em Washington, no *National Press Club*, onde vinte conferencistas, todos militares de diferentes patentes, muitos dos quais com livre entrada em projetos secretos, relatam seus envolvimento com a questão óvni. A campanha do *Disclosure Project* objetiva levar esses militares para testemunharem sob juramento no congresso norte-americano. Como parte de um discurso extraoficial, essa iniciativa será discutida no Capítulo 3.

Incluindo além dos militares as vozes de pesquisadores civis, encontramos para análise um vasto campo de possibilidades sugeridas em direção a uma alteridade alienígena. Em algumas dessas narrativas, sugestões de alienígenas que compartilham esse planeta conosco, mas nos são desconhecidos, por isso a escolha lexical por uma alteridade alienígena, ao invés de uma alteridade extraterrestre, por exemplo.

No entanto, neste trabalho vamos enfatizar as narrativas militares oficiais e extraoficiais presentes em documentos, pronunciamentos e entrevistas. Na maioria dos casos, referem-se a objetos voadores não identificados.

Discutiremos a presença dos óvnis a partir do reconhecido militar em distintos momentos. A respeito do consagrado discurso oficial, o Capítulo 2 se dedicará a expor o conteúdo e o contexto de tais narrativas. Carl Jung, em *Um Mito Moderno* (1958), já salientava a dificuldade de se lidar com esse tema, dado seu caráter absurdo:

³ Tais presenças são mais conhecidas como Ufos (*Unidentified Flying Object*), termo associado à ufologia. Os militares brasileiros optaram por chamá-los de Oanis (Objetos Aéreos Não Identificados). No entanto, escolho a terminologia “óvni” por ser a mais utilizada nos discursos de língua latina.

Contam-se sobre os Ufos ou discos voadores histórias que são não só totalmente inverossímeis mas que parecem desafiar todos os princípios gerais da física; daqui a reação negativa, a recusa pura e simples que se baseia no bom senso crítico, que parecem inevitáveis quando se analisa o fenômeno; todos têm o direito de pensar que se trata de ilusões, fantasias, mentiras! As pessoas que contam os factos – diz-se – pilotos, membros do pessoal das bases aéreas, devem ser um tanto ou quanto desarranjados mentais!”

Portanto, esse trabalho, antes de ser o contraste entre vozes militares e discursos oficiais, é um ensaio sobre a questão do encontro alienígena, na tentativa de melhor estabelecer uma questão que pode ser analisada tanto em quadros políticos militares como em estágios mais amplos e humanos sobre uma proposta alteridade não convencional.

Capítulo 1

Alienígenas e alteridades

Atualmente, a antropologia se abre aos estudos sobre agências relacionadas a objetos, artefatos e instrumentos que, carregados de intenção e simbolismos, apontam extensões humanas de compreensão da realidade. Aliada a essa ênfase — os estudos sobre grupos próximos à cultura do pesquisador, como os de grupos urbanos e comunidades científicas — a antropologia hoje recebe novo vigor de possibilidades de pesquisa.

Em um ensaio intitulado *Antropologia no Brasil: alteridade contextualizada*, Mariza Peirano diz que “por muito tempo a antropologia foi definida pelo exotismo de seu objeto de estudo e pela distância, concebida como cultural e geográfica, que separava o pesquisador do seu grupo de pesquisa. Essa situação mudou” (Peirano, 1999: 225). Segundo Mariza, existem agora projetos de alteridade cada vez mais próximos, conduzidos por pesquisas que não separam o pesquisador do seu grupo.

O esforço de Mariza foi o de estabelecer categorias de alteridade medidas pelo distanciamento entre pesquisador e sujeito. A categoria de alteridade radical foi proposta para distinguir pesquisas que buscam por estudar populações indígenas e/ou sociedades fora do território nacional — os Tupi, os Jê e os norte-americanos, por exemplo. Nesse último caso, as pesquisas de nações que mantêm certo vínculo ideológico com o Brasil, como os EUA, oferecem aquilo que Mariza chamou de “alteridade paradigmática”, fruto de um trabalho comparativo. Ao notar as pesquisas antropológicas de campo urbano e aquelas que estudam a própria ciência, a autora propôs outros dois termos que qualificam a alteridade — uma “próxima” para os estudos urbanos e uma alteridade “mínima” para os estudos da ciência.

Aos distintos graus de alteridade podemos vincular as múltiplas agências que o homem está sujeito. Paul Little, em um ensaio sobre ecologia política, nos chama a atenção para a importância das agências não humanas. As forças biosféricas, como enchentes, secas e inundações, aliadas ao estresse ambiental criado pela interferência humana, determinam forças que devem ser levadas em consideração para melhor se compreender os conflitos ecológicos. A falta de “controle” sobre as forças biosféricas, por exemplo, é fato observado por Little, que afirma “se um grupo social não mantém o

poder (ou o conhecimento) para “conter” ou “controlar” a ação das forças biofísicas dentro de seu território, a soberania e a autonomia desse grupo são colocadas em xeque” (2006:94).

Sob essa perspectiva, podemos considerar que o homem está sujeito à agência de múltiplos fatores humanos e não humanos que comumente nos concebem alteridades díspares, algumas das quais podem existir mesmo que não saibamos de sua presença, correndo os riscos dessa alienação – é a própria sobrevivência. Nesse sentido, Little afirma “a agência natural deve ser entendida como múltipla em caráter, sendo muitos os tipos de agência de muitos agentes naturais, e não uma agência homogênea de uma natureza genérica”.

Seguindo a sugestão de Mariza e Paul em definir múltiplos graus de distanciamento, além de variadas fontes de agência não humanas, gostaria de chamar a atenção para a categoria da alteridade alienígena como expressão que pode reunir o significado do encontro com o desconhecido, taxonomia aplicada aos que “não existem” ou que existem, mas que não se sabe – sugerindo também as demais possibilidades “alienantes” do contato. A proposta da alteridade alienígena é referência ao mistério de presenças desconhecidas, sugestões sobre a relação entre humanos e “agentes” que podem habitar outros mundos, próximos e/ou distantes.

- **Fenômeno óvni**

A ufologia, ou a ciência que estuda os óvnis, é fonte de interesse antropológico genuíno para alguns autores que nos oferecem etnografias que contribuem bastante para o estudo sobre a alteridade alienígena no ocidente moderno. Mas outros estudiosos também levantam questões relevantes do ponto de vista antropológico. Carl Gustav Jung escreveu, em 1957, *Um mito moderno*, uma de suas últimas obras, em que propõe uma análise psicológica do fenômeno óvni. Jung atesta historicamente o surgimento dos relatos de óvnis durante a segunda guerra mundial:

O prelúdio dos discos voadores constituiu-se em torno das observações e projéteis misteriosos, nos últimos anos da guerra, por sobre a Suécia (atribuída-se a sua descoberta e origem aos russos), e dos boatos dos *foo-fighters*, claridade que acompanhava os bombardeiros aliados por cima da Alemanha (do francês *Feu*: Foo = feu ; fogo) (1961:36).

Foo fighters



Em 1957, ano de sua publicação, não era muito fácil escrever sobre óvnis cientificamente. Mais difícil ainda era associar suas presenças às mudanças de eras, discussão essa muitas vezes evocada por estudiosos da astrologia, temas não muito afeitos a mentes científicas. O caráter *milénarista*, que evoca a mudança de eras em extensos ciclos temporais, foi discutido por Ferreira Neto (1984) numa etnografia sobre grupos de ufologia, o que se assemelha à perspectiva de Jung sobre os efeitos psíquicos transformadores do contato entre civilizações. A par dessa possibilidade, Jung deixou claro o forte risco de se falar sobre tais contextos:

A história do antigo Egito já no-lo ensina – sempre que acabamos um “mês platônico”, e nos princípios do seguinte, surgem fenômenos de transformação psíquica. (...) Ninguém até hoje – tanto quanto me permitem afirmar as minhas notícias – se interrogou o que seriam os possíveis efeitos psíquicos das transformações que nos esperam. É por isso que julgo meu dever – na medida do possível e dos meus meios – tentar esboçá-los. Resolutamente tomo a meu cargo esta tarefa ingrata sabendo muito bem que o meu burril corre forte risco de escorregar na dura pedra que vai tentar cinzelar (1961: p.27).

Uma das possibilidades que poderiam explicar o fenômeno dos óvnis, segundo Jung, era a de ocorrer um *rumor visionário*. No entanto, tais rumores são sempre acompanhados de forte “emoção inabitual”, o que não coincide com os relatos de militares, por exemplo, que afirmam inúmeras situações de contato com esses objetos,

mediante testemunhos qualificados: “Para que surja uma visão que derrote o testemunho dos sentidos é preciso uma emoção mais forte e emanante de mais profunda fonte”.

Nesse sentido, extraoficialmente e oficialmente (em fontes documentais internas à militares), o relato do major Donald Keyhoe é lembrado por Jung:

Um homem tão digno de confiança como Keyhoe permite-se admitir que uma esquadrilha de cinco aviões militares, bem como um grande avião da marinha, foram cercados na região das Bahamas por discos voadores que os levaram consigo. Põem-se os cabelos em pé quando tomamos conhecimentos de tais relatos com as suas referências documentais (p.40).

Jung compreende os inúmeros esforços daqueles que afirmam categoricamente a não existência desses objetos. Nessa passagem, refere-se a um perito que nega a existência dos óvnis – “não é ele que confirma solidamente o sentimento de que estes boatos monstruosos constituem um crime de lesa-majestade humana?”, e ainda afirma que os relatos sobre óvnis suscitaram maior interesse geral pela psicologia, que “dada a monstruosidade aparente das afirmações que acompanham essas aparições, a hipótese de perturbações psíquicas parece ser a primeira a impor-se ao bom-senso para explicar semelhantes alvoroços” (p.54).

Compreendendo aqueles que rejeitam logicamente a existência dos óvnis, Jung esboça algumas considerações sobre esses objetos, tomando-os na perspectiva de *naves extraterrestres*, e a partir daí nos chama a atenção à suposta desconfiança que os óvnis expressam sobre nossa hostilidade e belicosidade:

“Parecia, aliás, que os aeródromos e, em particular, os centros atômicos, os atraíram especialmente; daí se deduziu que o desenvolvimento perigoso da física atômica, designadamente da desintegração nuclear, havia causado certa inquietação aos habitantes dos planetas vizinhos ao nosso, suscitando de sua parte uma inspeção aérea mais precisa da Terra” (p.37).

Assim como os óvnis oferecem um absurdo insolúvel à ciência, propiciando ao mesmo tempo “um crime de lesa-majestade humana”, os projetos industriais militares de pesquisa atômica também são capazes de oferecer o mesmo crime, que, por sua vez, segundo a suposição de Jung, estão sujeitos a chamar a atenção de civilizações alienígenas.

Por mais antigas que sejam as considerações de Jung, elas conseguem expor questionamentos profícuos mesmo na atualidade. Para se ter uma ideia do contexto que singulariza o surgimento dos óvnis, Jung nos aponta *o despertar dos mágicos*, aludindo

às tecnologias que antes de serem comprovadas foram tidas como absurdas, como a energia nuclear. Nessa perspectiva, para Jung, os óvnis podem fazer parte de uma ciência do futuro:

A aparente ausência de gravidade nos movimentos dos discos voadores é realmente história bem difícil de digerir; mas, não se diz que a nossa física moderna faz recentemente tantas descobertas que quase são milagres? Por que não poderiam os habitantes mais avançados de outros planetas ter inventado um processo de suprimir a gravidade e de atingir a velocidade da luz ou mesmo de a ultrapassar? A física nuclear criou, nos cérebros dos profanos, uma incerteza de juízos que ultrapassa de muito a dos físicos e que faz parecer possíveis coisas que ainda há pouco teriam sido julgadas estúpidas e exageradas. Os discos voadores podem ser considerados como um novo milagre da física e como tais serem acreditados (p.63).

Em amplos aspectos, a sugestão de Jung em chamar a atenção sobre o fato dos óvnis serem relatados próximos às instalações nucleares e bases aéreas relaciona-se com a suspeita de que “eles” estão preocupados com nossa ignorância e hostilidade, nossa *tecnologia delirante* de destruição em massa. O fato de o aparecimento dos óvnis estar sincronizado com a Segunda Guerra Mundial e em maior escala com os projetos de fissão nuclear do pós-guerra faz com que a ufologia, assim como outras correntes, expresse desencantamento frente ao mito do progresso ininterrupto da ciência e ao projeto de modernidade. As palavras de Otávio Paz, Nobel em Literatura em 1990, traduz bem esse sentimento:

“O futuro já não é o depositário da perfeição, mas sim do horror. Demógrafos, ecologistas, sociólogos, físicos e geneticistas denunciam a marcha para o futuro como uma marcha à perdição. Uns preveem o esgotamento dos recursos naturais, outros a contaminação do globo terrestre, outros ainda uma devastação atômica. As obras do progresso se chamam fome, envenenamento, volatilização. Não importa saber se estas profecias são ou não exageradas: ressalta que são da dúvida geral sobre o progresso (PAZ,1984:191 apud Aranha,1990:201).

Em contexto mais recente, José Fonseca Ferreira publicou pelo Departamento de Antropologia da UnB a dissertação *O mito da ciência e a ciência do mito*, em que elabora uma etnografia junto a grupos de ufologia em Brasília. Em sua proposta encontramos a caracterização dos membros dos grupos de ufologia como pessoas afeitas à ciência e que dominam os conhecimentos secularizados, com altos graus de

escolaridade, mas que adaptam o fantástico, o mistério e o misticismo para lidarem com a presença dos óvnis e, quiçá, contato com seus tripulantes.⁴

Os grupos de ufologia são apresentados no trabalho de Ferreira como uma *pulsção científica religiosa* das narrativas do contato alienígena e suas ressonâncias grupais (comunidades de contato). Os mitos da ufologia são narrativas de uma alteridade alienígena em que humanos e seres desconhecidos compartilham amplo horizonte de possibilidades espirituais e tecnológicas, respaldados pelos distintos ramos da ufologia. Sobre as inúmeras tendências da ufologia, gostaria de dar voz a outro colega dessa mesma universidade que, no trabalho de Ferreira, foi um de seus interlocutores-chave.⁵

O emaranhado de temas contraditórios dentro da ufologia contribui para separar os pesquisadores em várias correntes ou tendências, até opostas entre si. Em uma ponta, a corrente mais abrangente, mas também mais prosaica, aceita pura e simplesmente a explicação extraterrestre. Outras correntes (místicas, científicas, etc.) oferecem explicações mais ou menos abrangentes, até chegar às correntes mais avançadas (das quais Jacques Vallée talvez seja o melhor representante), que vão muito além de explicações simplistas, buscando envolver também parâmetros histórico-mitológicos, psicológicos e parapsicológicos, considerações religiosas e conceitos científicos extremamente complexos e avançados, quando não uma verdadeira manipulação realizada em nível mundial. Vallée chega a afirmar que “eu acredito que exista um real problema UFO. E tenho começado a acreditar que ele está sendo manipulado para fins políticos. E os dados sugerem que os manipuladores podem ser seres humanos com um plano de controle social” (Alvarenga, 2010:149).

O viés político da alteridade alienígena será discutido em parte no Capítulo 2 e mais detidamente no Capítulo 3. No entanto, voltemos ao caráter místico da ufologia. Segundo Ferreira, uma das maiores possibilidades da alteridade alienígena apresentada pela ufologia é o delicado relato da comunicação telepática de “contatados” com os tripulantes das naves. Essa sugestão de alteridade faz com que a ufologia vá além da reunião de fotos, vídeos, relatos e documentos oficiais, aproximando-a a disciplinas que se dedicam a enfatizar o caráter parapsicológico do contato, destacando, por outro lado, *a própria alienação humana de seu potencial energético perceptivo*. Quando muitos contatados alegam o poder inerente de cada humano de se fazer o mesmo, fica claro que a ufologia também sugere disciplinas místicas.

⁴ O próprio movimento errático dos óvnis merece, como sugere Wilson Geraldo Silva em monografia publicada pelo Departamento de Antropologia da UnB, *um novo modelo de compreensão da realidade*.

⁵ Ferreira fez etnografia junto ao grupo Alvorada, que tem como presidente o arquiteto Luis Gonzaga de Alvarenga, que graduou-se pela UnB com área de concentração em Urbanismo. No campo da alteridade alienígena, relata que estabelece contato com seres espaciais.

Para Ferreira, a ufologia clássica implica em métodos de coleta de material empírico obtidos em relatos, conduzidos por processos científicos comuns. Contudo, outro tipo de pesquisa, conhecida como ufologia avançada ou mística, aborda fenômenos paranormais da alteridade alienígena, cujo material empírico são os próprios contatos mediúnicos. Sobre esse tipo de experiência, há muito material publicado à semelhança da *psicografia*, método popularizado pelo famoso médium espírita Chico Xavier, mas que aponta para uma conversa com agentes alienígenas que, além de “espíritos” ou presenças inorgânicas, se apresentam como possuidores de alta tecnologia.

Outra característica marcante desses grupos analisados por Ferreira são as ideologias que enfatizam o indivíduo e sua distinção frente à sociedade e sua ligação, num plano mais abrangente, com o movimento da cultura alternativa. Nesse sentido, por exemplo, os membros dos grupos de ufologia analisados afirmam não ter mais comprometimentos com nenhum governo, sistema político ou econômico, ou mesmo com nenhuma estrutura social (pátria, família).

O que há é a identificação com a Terra, acreditando-a como ser vivo, senciente. A crença é a de que os próprios processos desencadeados pela meditação e integração energética do ser (a aproximação mística e parapsicológica) estão vinculados a uma crescente imunidade e adaptabilidade aos excessos abusivos sociais. O mesmo argumento é fortalecido pela necessidade de uma união da espécie humana, caso queira aprender abertamente com os “irmãos estelares” — os seres alienígenas narrados pela ufologia. Esse caráter místico faz parte de algumas tendências ufológicas.

Assim, podemos notar a ufologia como uma corrente de um grupo maior, movimento esse que enfatiza o estudo de tradições e civilizações não ocidentais, movidos por anseios não saciados, haja vista que os sacerdotes contrerrâneos não mais são ouvidos e os cientistas já não são tão sábios e seguros assim. O mundo alternativo é a tentativa de sincretizar o máximo possível, na busca incessante por “humanidades” outras e a valorização do outro culturalmente distante: busca que se assemelha aos ideais mais inocentes e ingênuos da antropologia e que retoma, em alguma medida, o paradigma pacifista de Nicolas K. Roerich — que criou um tratado de paz e de proteção do gênio humano, conhecido como Pacto de Roerich, sob o lema “Onde há paz há cultura, onde há cultura há paz”.

- **Um tiro foi dado no escuro**

As narrativas científicas sobre o contato alienígena que encontraram maior prestígio no ocidente são as empreendidas por agências norte-americanas no período do pós-guerra. O projeto Seti (*Search for Extraterrestrial Intelligence*) da agência espacial Nasa fomentou iniciativas em busca do contato com o outro — extraterrestre inteligente.

Jayme Aranha Filho compôs uma pesquisa etnográfica das iniciativas desse projeto da Nasa. Abordou o conteúdo vinculado às mensagens enviadas por sondas (*Voyager e Pioneer*) e uma antena (Arecibo), além de definir os bastidores do projeto Seti, bem como suas tomadas pragmáticas.

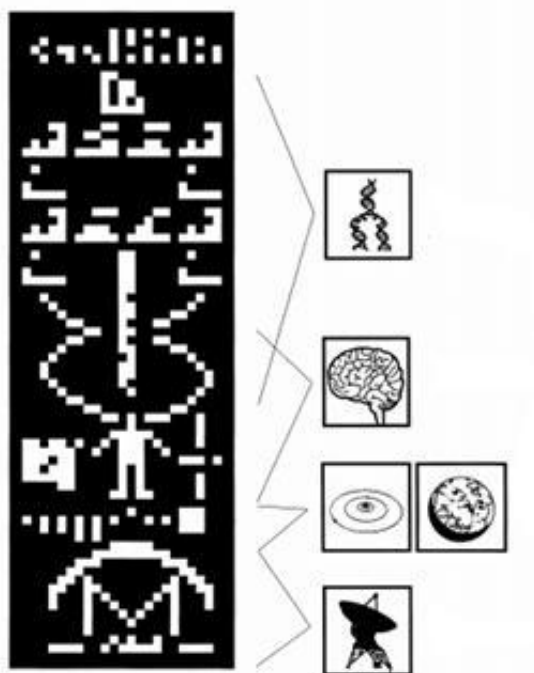
Imensamente custosas, as iniciativas do projeto Seti, além de ampla divulgação nos meios populares como jornais, revistas e televisão, receberam mesmo tratamento também na comunidade científica, envolvendo famosos cientistas de instituições de prestígio, inclusive figuras políticas mundiais (representantes da ONU) e presidentes norte-americanos.

A ciência da radioastronomia, oriunda da tecnologia dos radares de guerra, ofereceu aos pesquisadores do Seti a oportunidade de perscrutar o céu na busca por sinais de rádio que fossem artificiais e passíveis de decodificação. A suposição era de que esses sinais poderiam já estar a nossa espera. No entanto, oficialmente nenhum tipo de contato e/ou sinal artificial foi encontrado.⁶

Depois que os cientistas do Seti testaram a possibilidade de buscar sinais artificiais, o próximo passo foi enviar um por meio da antena Arecibo, a maior do mundo, com faixa estreitamente direcional e que atua no estudo de frequências de planetas próximos. Nessa ocasião, emitiu sinais a estrelas há 24 mil anos-luz de distância. Frank Drake elabora a imagem a ser enviada num quadro de 73 colunas por 23 linhas.

Foram cinco temas representados nessa tabela: lição numérica (estabelecer e ensinar uma contagem de um a dez); bioquímica terrestre (DNA, vida); espécie emissora (genoma humano, desenho antropomórfico); localização (sistema solar); status civilizatório (medidas de Arecibo).

⁶ Em 1900, Nikola Tesla já suspeitava detectar sinais elétricos artificiais por meio das antenas de seu laboratório.



- Lição numérica (decodificação)

- Bioquímica terrestre

- Espécie emissora

- Localização no sistema solar

- Tecnologia (antena)

De qualquer maneira, não havia expectativa de “acertar o alvo”. Como sugere Aranha, os cientistas do Seti estavam envolvidos num ritual de ostentação tecnológica, posto que em 16 de novembro de 1974, durante a cerimônia que envolveu a emissão do sinal de 169 segundos, Arecibo era a maior antena do mundo. Enfim, ante a imensidão sideral, os cientistas do Seti assumiram atirar às cegas:

“(...) não se trata de um experimento para testar uma hipótese, como o Seti não espera sequer alcançar qualquer *eti* (inteligência extraterrestre) porventura existente. É um exercício, e tem a gratuidade de um ritual de ostentação de potência tecnológica, uma comemoração do ‘limiar interestelar’ alcançado” (*parênteses meu*) (1990: 40).

Em 21 de agosto de 2001, na cidade rural de Hampshire, na Inglaterra, numa fazenda ao lado do rádio telescópio de Chilbolton, moradores da região encontram uma figura intrigante, provavelmente produzido na noite anterior, em noites de verão que duram no máximo cinco horas. Ao que parece tudo indicava que ali ocorrera mais um caso do fenômeno conhecido como agrolifos ou *crop circles*.

Esse tipo de fenômeno não ocorre somente na Inglaterra, mesmo sendo o palco principal dessas “pinceladas”. Já foram registrados e fotografados centenas desses círculos misteriosos, feitos no verão, logo antes das colheitas, momento em que os cereais estão altos, o que faz com que os desenhos tenham relevos em três dimensões.

No entanto, o desenho visto do chão parecia demasiadamente irregular, o que normalmente não ocorre, pois, em sua maioria, os agroglifos são produzidos em forma de *mandalas* e espirais, denotando grande beleza estética. Numa vista aérea, o agroglifo em questão mostrou-se resposta à mensagem de Arecibo enviada em 1974 pela equipe do Seti:



Existem várias interpretações que tentam analisar esse caso. Gostaria de chamar a atenção às análises de Steven Clementson e Brian L. Crissey⁷. A equipe do Seti publicou um artigo defendendo a opinião de que “caso alienígenas quisessem responder uma mensagem de rádio, eles mandariam outra mensagem de rádio”⁸. A respeito dessa possibilidade, no Natal de 1900, Nikola Tesla, o grande gênio da modernidade, possuidor de mais de 700 patentes, escreveu uma carta sobre as experiências de rádio que vinha levando a cabo. Na mesma, diz:

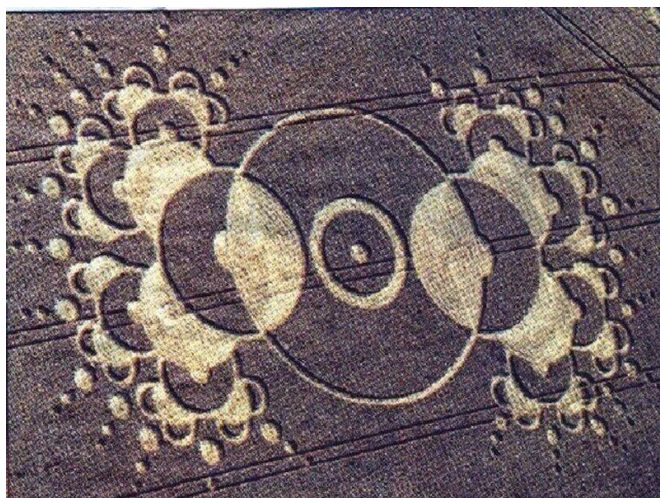
“Tenho observado comportamentos elétricos que pareciam inexplicáveis. Por muito leves e incertos que fossem me produziram a convicção profunda de que em pouco tempo todos os seres humanos do globo, como um, voltarão seus olhos para

⁷ Resumidamente, segundo tais análises, a resposta traz a seguinte mensagem – encontramos a presença do silício 14 na química do DNA desses seres. Na estrutura do DNA, na espiral esquerda que representa a herança materna, não há diferença com a humana, no entanto a espiral direita é complementar à humana, o que sugere que esses seres são híbridos humanos. Respectivamente, as duas análises estão disponíveis em <http://www.sunstar-solutions.com/AOP/MilkHill/milkhill.htm> e <http://claudescommentary.com/special/chilbolton/>

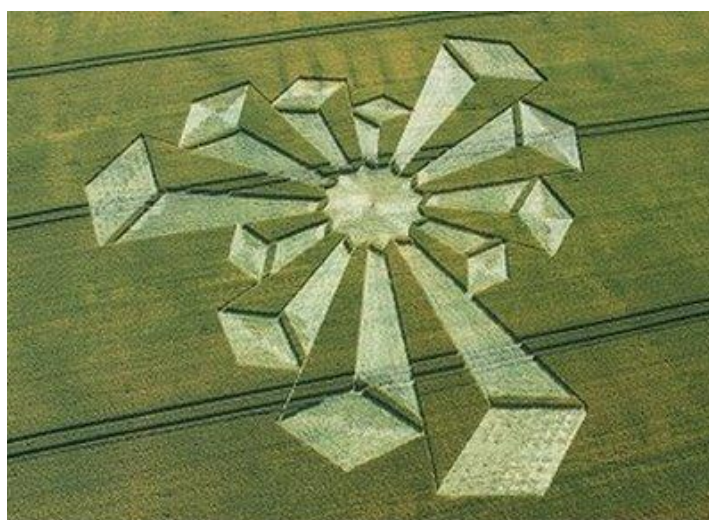
⁸ A resposta está disponível em <http://www.cropcircleresearch.com/articles/Seti-reply.html>.

o céu, com sentimentos de amor e reverência, assombrados por boas notícias: 'Irmãos! Temos uma mensagem de outro mundo, desconhecido e remoto. Diz: um... dois... três...'”⁹.

O desenho do agrolifo que corresponde à antena de Arecibo na tabela foi desenhado em alta resolução exatamente um ano antes em outro agrolifo. Tal imagem revela uma tecnologia representada como uma geometria esférica de caráter dual em expressões fractais. Por mais estranhos e misteriosos sejam, existem intenções que agem com grande antecedência na “exposição” de tais desenhos.¹⁰



O desenho abaixo é um exemplo de um agrolifo em três dimensões.



⁹ Esta carta de Tesla encontra-se disponível em <http://www.teslasociety.com/mars.pdf>.

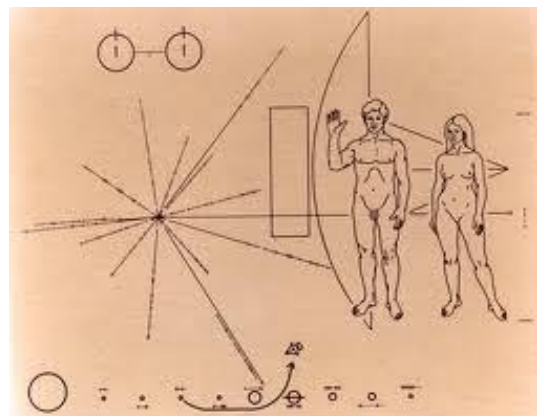
¹⁰ O físico Nassim Hamein, baseado nos conceitos da física da energia do ponto zero (que propõe potencial energético infinito no vácuo), desenvolve a geometria fractal do vácuo, teoria que propõe as dinâmicas geométricas fractais do vácuo. A matriz vetorial isotrópica é uma grade de 64 tetraedros que, segundo Nassim, é o padrão geométrico em que a energia se fractaliza em infinitas possibilidades.

Conhecido como um dos maiores já registrados, o agrolifo de Milk Hill é composto por 409 círculos individuais, sendo que os sete maiores têm aproximadamente 30 metros de diâmetro. O desenho inteiro possui cerca de 240 metros de diâmetro.



- **Sondas ao mar!**

O projeto Seti enviou mensagens físicas acopladas de carona nas sondas *Voyager* e *Pioneer*, que após cumprirem sua missão em planetas distantes seriam empurradas para fora do sistema, permanecendo à deriva. Uma placa de 6x9 polegadas, coberta com ouro, foi acoplada na sonda, contendo uma mensagem não evidente, mas supostamente decifrável. A mensagem, sensível ao tato, se define com quatro temas: a transição do átomo de hidrogênio, o mapa dos pulsares, o diagrama do sistema solar, o perfil da sonda e um casal de humanos nus.



Além disso, acoplada à imagem, podemos perceber a rota da sonda partindo da Terra, cruzando outros dois planetas e desligando-se do sistema, informando o planeta de origem. Esta foi a forma que os cientistas do Seti encontraram para estabelecer contato com alienígenas mediante mensagens físicas.

Em vista do fato de cientistas de renome internacional acenarem oficialmente para presumíveis alienígenas, o evento da plaquinha caiu no gosto popular, diferentemente do que ocorreu com a mensagem Arecibo (talvez por ser um objeto físico e ter a imagem de um casal humano).

O evento precedeu a mensagem de Arecibo, descrita acima, e teve uma repercussão pública muito maior (amplamente noticiada na imprensa leiga, a placa da *Pioneer* frequentou primeiras páginas com a mesma facilidade que reapareceu em charges humorísticas e até mesmo pichações de rua). (p.50)

O evento empreendido pelo Seti a seguir foi a elaboração de um disco contendo vasto conteúdo — acoplado às sondas que cumpriram missões em alguns planetas e perder-se-iam à deriva. Nesse intento, o disco foi trabalhado para guardar quatro tipos de informações: fotografias e diagramas codificados num sistema análogo de videotape digital; uma série de saudações, incluindo pessoas políticas influentes na época; sons da Terra; músicas de estilos e origens distintas.

Capa e disco “The Songs of Earth”



Para instruir seu destinatário, um quinto grupo de informação, dedicado ao ensino das chaves, foi apresentado numa imagem incrustada à capa protetora do disco. Tal imagem carrega em si as informações básicas e abstratas, matematicamente decifráveis e

que têm o poder de ensinar como ler o disco. A decodificação binária dos sons possibilita a transformação da mensagem em imagens e fotos. A intenção foi de escolher aquelas que tivessem alguma relevância quanto à novidade e fossem únicas quanto ao nosso respeito.

Fazem ainda parte do grupo de saudações faixas com a voz de políticos da época (representantes da ONU e do congresso norte-americano, além do presidente Jimmy Carter). As saudações foram expressas em idiomas de matrizes perdidas, como o antigo sumério, dado como o primeiro registro de civilização, além de outras tantas. Aranha revela o “tropeço” da equipe do Seti quanto à delicada questão da presença desses atores no projeto. As pessoas políticas, escolhidas por “representarem” a humanidade ou parte dela, acabaram como nuvens pesadas no horizonte do projeto.

Quanto ao caráter dos políticos congressistas, Carl Sagan tomou a decisão de incluir aqueles favoráveis e apoiadores do projeto, a quem o Seti deve seus recursos. A medida encontrada por Sagan e sua equipe foi a de aproveitar tal situação para montar um *lobby* para o Seti:

“Com argumentos sobre ‘a separação dos poderes na Constituição’, a Nasa passou a exigir a inclusão de uma lista com os nomes dos congressistas envolvidos na aprovação das verbas e atividades da Nasa (...) Aqui o destino sempre ambivalente da mensagem (para terrestres/para extraterrestres) parece decidir-se da pior forma e perder seu encanto e motivação primeira (...)” (p.50)

Entre os sons da Terra e as saudações há espaço para o canto das baleias. A inteligência das baleias as capacitou a criar um sistema de comunicação global por meio de sons. Na época de ouro de sua jornada antes do avanço humano, uma baleia poderia comunicar-se com outra do outro lado do planeta, por intermédio de sua capacidade perceptiva dos sons — seu sentido mais forte.

A comunicação entre as baleias pode ser aproximada a uma de complexidade ímpar: seus coros são repetidos longamente, mudando em pequenas nuances que, ao longo das estações, modifica-se totalmente. Os cientistas do Seti ofereceram a possíveis alienígenas um exemplar da inteligência terrestre, também alienígena, para a maioria de nós, humanos.

Os cientistas do Seti fazem uso do vetor evolutivo para aludir à inteligência humana quando enviam para supostos alienígenas fotos como essas, dispostas em sequência e que retratam caçadores bosquímanos e astronautas.



Semelhante ao sinal de Arecibo (o ritual de ostentação tecnológica), a decisão por colocar a figura do caçador bosquímano em um contraste tecnológico e cultural com a figura do cosmonauta pode ser tida como um reforço do mito do progresso da ciência de bases evolucionistas, tema sempre impactante para a antropologia:

“Este final, retratando as tecnologias espaciais, reintroduz o motivo do vetor evolutivo. O astronauta que pontua a série contrasta duplamente com duas outras fotos precedentes. Antes de tudo com a do caçador bosquímano (...) Mas enquanto um, nu e toscamente armado, volta-se “contra” uma natureza ainda excessivamente grande, dentro da qual concorre com outros seres; o outro, hermeticamente “revestido” em materiais sintéticos, paira soberano diante do horizonte curvo de uma Terra toda sua, e o fundo negro do vazio extraterrestre” (p.89)

A discussão do potencial autodestrutivo da espécie é sugerida por Sagan, várias vezes, como marco evolutivo, risco que qualquer espécie inteligente e com tecnologia haverá de enfrentar. Sugere, ainda, que não devemos nos preocupar com possíveis alienígenas que aqui possam chegar: para tanto, devem ter uma tecnologia incompreensível para nós hoje e provavelmente já devem ter superado o risco de autodestruição há muito:

“Se uma civilização avançada estiver para chegar em nosso sistema solar, não haverá nada que possamos fazer a respeito. Sua ciência e tecnologia estarão muito além de nós. É perda de tempo preocupar-nos com as possíveis intenções malévolas de uma civilização avançada com a qual deveremos estabelecer contato. É mais provável que, se sobreviverem ao tempo, isto signifique que tenham aprendido a viver com eles mesmos e com os outros. Talvez nossos receios sobre um contato extraterrestre sejam meramente *uma projeção de nosso próprio passado, uma expressão da nossa consciência culpada pela nossa história anterior, a destruição de civilizações só um pouco mais atrasadas do que a nossa*. Lembremos de Colombo e os Arawaks, Cortés e os astecas, mesmo o destino dos Tlingts nas gerações pós-La Pérouse. E lembramo-nos e preocupamo-nos (Sagan:1983b:310-1, gm apud Aranha:1990: 212).

Assim, no âmbito do projeto Seti, a alteridade alienígena oferece um campo em que cientistas envolvidos em projetos oficiais, patrocinados por amplos recursos e

sujeitos à contemplação de um público especializado e também de um mais aberto, especulam sobre a probabilidade matemática de civilizações extrassolares e enviam mensagens conjecturando possíveis, mas improváveis encontros. Defendem mesmo o caráter simbólico da emissão dessas mensagens, que servem mais para nós do que para eles.

O alienígena inteligente extraterrestre projetado na mente desses cientistas é o duplo do tempo ocidental, aquele que o desafia. Mas essa não é a única maneira de dar sentido aos alienígenas. Para contrastar a visão evolucionista dos cientistas do Seti e da Nasa, vejamos o comentário do antropólogo e historiador da arte José Argüelles, que questiona esse “mito moderno”:

Entrincheiradas e sempre vigilantes, as forças do materialismo científico guardam com muito zelo a entrada de seus domínios, tendo em mente um objetivo único: manter o mito de uma superioridade tecnológica sempre em evolução. Assim, os óvnis, as experiências paranormais, a descoberta em 1976 de fenômenos “racionalmente inexplicáveis” em Marte, logo se transformaram em documentos confidenciais, negados ao público. Entretanto, na manhã de 28 de janeiro de 1986, quatro dias depois do triunfante Voyager 2 ter-se aproximado de Urano com sua estonteante transmissão de informações, o ônibus espacial Challenger explodia aos olhos do público, que acompanhava o evento pela televisão. Naquele momento, o mito da superioridade tecnológica sofreu severo golpe. (...) O que nos dá tanta certeza de que o materialismo científico é a melhor técnica para arrancar respostas de um cosmo que é infinitamente mais vasto e misterioso do que possa conceber a mente racional? (1987:16)

Exaustivamente discutido pela antropologia, o vetor evolutivo baseado no mito da superioridade tecnológica, aqui exposto por Argüelles e Aranha, é evocado com a maior “naturalidade” pelos cientistas do Seti, devotos às ciências exatas. Os quais esboçam um futuro para a humanidade em que o risco de autodestruição é um umbral de transposição necessária para qualquer civilização. Nesse intento, as discussões sobre o fenômeno óvni se definem como tabu científico, pois se os alienígenas estão aqui, qual seria o motivo de procurá-los, mesmo que *simbolicamente*?¹¹

Inicialmente, os foguetes espaciais foram desenvolvidos nos laboratórios militares alemães pelo engenho de Werner Von Braun, eminente cientista posteriormente radicado nos Estados Unidos. O governo norte-americano e o governo russo disputaram o espólio dos principais projetos militares alemães, especialmente os

¹¹ Os cientistas do Seti, como observa Aranha, não tinham nenhuma esperança de que as mensagens enviadas pela antena de Arecibo e pelas sondas *Voyager* e *Pioneer* encontrariam seus destinatários alienígenas.

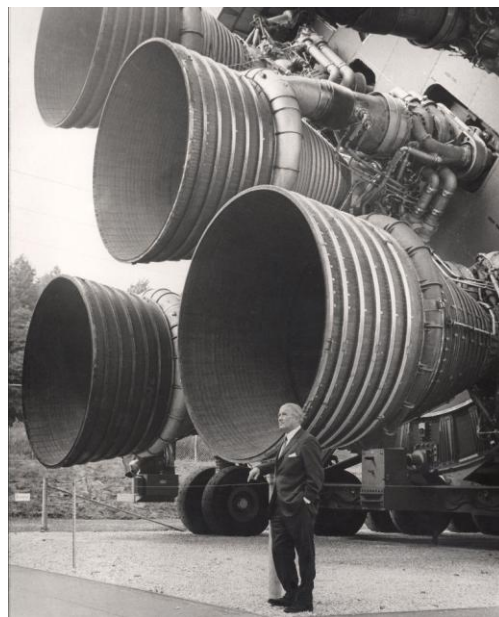
projetos secretos, bem como os seus cientistas responsáveis¹². Como resultado desse processo, o gênio de guerra alemão e seus colegas participaram da criação da agência espacial norte-americana Nasa. Os foguetes que levaram o homem à lua foram desenvolvidos por Von Braun, também inventor do míssil V2, que bombardeou Londres durante a Segunda Guerra Mundial. As sondas *Voyager* e *Pioneer*, que levavam de carona as plaquinhas de ouro, foram ao espaço acopladas em projéteis espaciais descartáveis, *antigos mísseis de guerra alemães*.

Considerando que os programas científicos oficiais norte-americanos que compõem o universo Seti recebem amplo reconhecimento e mantêm estreitos vínculos com o universo militar, sendo mesmo derivação deste, podemos melhor situar a questão da busca pelo outro alienígena nas iniciativas científicas que ganham notoriedade no ocidente — devidamente consolidadas como ostentação bélica de tecnologia inigualável.

Sob tal signo de “evolução” bruta e destrutível, o homem do séc. XX construiu os suportes necessários para as experiências astrofísicas e radiotelescópicas, imensamente custosas, que por sua vez sustentam as ações do projeto Seti, que expressa oficialmente a alteridade alienígena no meio científico moderno.

Feita essa distinção, podemos melhor enquadrar o discurso oficial militar brasileiro que se revela com mais clareza hoje, devido à recente postura governamental de pronunciar-se oficialmente e liberar para consulta pública documentos até então confidenciais. Tais atitudes caminham com distintas iniciativas públicas e políticas, sendo amplamente influenciadas pelo universo midiático.

Os arquivos, reportagens e documentários oferecem novo campo de perspectiva e estudos sobre a alteridade alienígena oficial e extraoficial no ocidente. Ao lado, foto de von Braun em foguete por ele projetado.



¹² A operação do *Paper Clip* foi responsável por levar cientistas alemães para os EUA. Sua relevância histórica é citada nos documentários: *Operation paper clip: the hunt of nazi scientist*. <http://www.youtube.com/watch?v=bh37r3alzszs>. *Hitlers top secret UFO projects* - <http://www.youtube.com/watch?v=UZACRCOtDhc&feature=related>.

Capítulo 2

Alienígenas oficiais

Neste capítulo gostaria de dispor como os militares representam o encontro alienígena e evocam, caso a caso, diferentes narrativas de alteridade alienígena. A respeito dessa alteridade não convencional, os discursos militares dão a entender diferentes graus de aproximação com o alienígena, sugerindo distintas profundidades de contato.

Primeiramente, vamos discutir o evento conhecido como “a onda de maio de 1986” e, a seguir, o Sioani (Sistema de Investigação dos Objetos Aéreos Não Identificados), órgão militar responsável por estudar o fenômeno Oani (objetos aéreos não identificados) no Brasil. Adicionalmente, nos debruçaremos sobre a missão militar conhecida pelo título de Operação Prato, que ocorreu em 1977, e a algumas notas sobre a recente política equatoriana.

Contudo, antes de iniciarmos tal mister, é interessante discutirmos alguns aspectos mais gerais da relação dessa instituição frente à sociedade civil, visando estabelecer uma noção mais adequada da formação acadêmica do militar, melhor definida no contraste com a formação acadêmica civil e os dados históricos de sua influência na própria ordem da sociedade-estado.

- **Academias de oficiais militares**

Para melhor compreendermos o universo militar faz-se necessário um estudo que nos aproxime ao cotidiano da formação imposta à profissão militar. Celso Castro, em “O espírito militar” (1990), apresenta uma etnografia sobre o processo de graduação de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman). Nesta reputada instituição, todas as disciplinas são obrigatórias. A graduação ocorre em um curso intensivo de quatro anos, nos quais o cadete mora no alojamento militar, exceto nos finais de semana e férias. Tornar-se oficial e cumprir essa primeira graduação é o passo necessário para seguir a carreira, que segundo a hierarquia brasileira é assim disposta:

Oficiais:

General de Exército

General de Divisão General de Brigada	Oficiais gerais
Coronel Tenente-coronel Major	Oficiais superiores
Capitão 1º tenente 2º tenente Aspirante a oficial	Oficiais subalternos
Cadete (oficial em formação)	

Segundo Castro, os cadetes da Aman recebem, “no próprio local de estudo, moradia, alimentação, uniformes, serviço de lavanderia e assistência médica e dentária, além de um pequeno soldo” (1990:11). Após formado, o oficial deve prestar pelo menos cinco anos de serviço; caso contrário, será obrigado a indenizar os gastos que a academia teve com ele, conforme o art. 116 do Estatuto dos Militares — fato que não ocorre no ensino superior civil.

Em condições formais iguais em seu ponto de partida, a educação militar, além de enfatizar a competição, transmite valores meritocráticos: “A imagem de uma “competição sadia” é muito forte na Aman. Ela pressupõe a *igualdade de condições* para todas as pessoas num momento inicial. A partir daí, será formada uma escala de *méritos individuais*, provados através de exames” (p. 45).

Aos novatos, a intensidade do processo de socialização profissional militar contribui para estabelecer uma homogeneidade e uma coesão interna que o leva a se distanciar da sociedade civil. Para melhor explicar essa característica institucional, Castro cita Mills (1968:232):

“Mills afirma que a “iniciação severa” nas academias militares (...) revela a tentativa de romper com os antigos valores e sensibilidades civis, para implantar mais facilmente uma estrutura de caráter o mais nova possível. É essa tentativa de romper a sensibilidade adquirida que determina a “domesticação” do recruta, e a atribuição, a ele, de uma posição muito inferior no mundo militar (p.30).”

Segundo a visão de um cadete do quarto ano da Aman, que pode transitar nos universos civil e militar, as características mais marcantes que diferenciam o ensino superior civil e o ensino superior militar são a falta de disciplina, ordem e comprometimento que envolve o ensino civil, diferente do ensino militar:

“Quando eu fui para a faculdade, inclusive eu me desestimulei, eu senti um desanimo total (...) O professor não dava aula, dizia que a matéria era *x* e colocava no quadro. Dizia: “Cálculo numérico” – uma matéria difícilíssima – “hoje do capítulo 8 ao 12, qualquer dia eu vou perguntar”. (Ele) pegava uma revista *Playboy*, sentava na cadeira e ficava lendo. Eu sentia o negócio muito jogado, eu não achava que seria o profissional que eu tinha ideal de ser. Já aqui não. Aqui a gente tem aula no ensino fundamental ou instrução de manhã até de tarde e a gente está sujeito a provas constantes, quase que semanalmente. Toda semana pelo menos uma prova a gente tem. (...) Eu na verdade, não assistiria aula na universidade. (...) O pessoal lá não quer nada (p.40).”

Outro cadete, também do quarto ano, que pode acompanhar diversas aulas, disse que certo dia, na condição de ouvinte, apesar de não estudar o tema pode seguir o raciocínio do professor. Mas ao término da aula, para seu espanto, percebeu que:

“Os caras estavam falando: “Eu não entendi nada, esse professor complica muito (...)” Então eu fiquei até abismado. Como é que eles querem entender alguma coisa se eles não prestam atenção? (...) E isso de maneira geral acontece, é gente saindo da aula e os outros assinando na falta etc. (...) eu acho que não me acostumaria a esse tipo de coisa, justamente porque eu acho que se eu estou numa faculdade é pra estudar, pra me formar e pra ser um profissional pelo menos com um certo nível, para ter uma certa competência, poder me realizar dentro da profissão” (p.40).

A distinção entre a escola superior civil e militar, segundo um cadete, se estabelece inclusive no asseio e apresentação pessoal – exemplos que o professor “tem que dar”:

“A gente vê nas universidades americanas ou mesmo aqui, na escola preparatória, os professores estão sempre de terno. Sempre muito bem apresentados, dando o exemplo, aquela postura, o linguajar correto. Agora, o que se vê lá fora? Gírias, palavões, o elemento (professor) totalmente displicente em sala, de camisa aberta (...) Então já parte do exemplo do professor. Os alunos, então... Daí você tira a média (p.41).”

Ao entrevistar veteranos militares aposentados, Celso Castro pode contar com o relato de Campos de Aragão, que ao referir-se a sua formação disse: “Não era um simples acadêmico. Era um cadete, portanto um pouco mais do que um simples aluno de faculdade” (p.134). Tal distinção aceita pelos militares é uma das marcas mais notáveis que diferenciam as instituições militar e civil. Segundo essa perspectiva, a seriedade, o profissionalismo e a competência são características implícitas ao espírito militar e que se opõem à ociosidade, infantilidade e desatenção, comum às escolas superiores civis, o que torna explícito a noção “desordem” dessas instituições, segundo essa perspectiva, ao passo que a militar consegue expressar a “ordem”.

A influência da disciplina militar sobre a disciplina burocrática foi comentada por Weber, que diz: “A disciplina do Exército deu origem a toda disciplina. (...) Nenhuma prova especial é necessária para mostrar que a disciplina militar é o modelo ideal para a moderna fábrica capitalista, tal como foi para a plantação antiga (1979:31 apud Castro, 1990:137).

Ainda em amplos contextos, Foucault estabeleceu a disciplina militar em sua esfera política:

“Nos grandes estados do século XVIII, o exército garante a paz civil sem dúvida porque é força real, uma espada sempre ameaçadora, mas também porque *é uma técnica e um saber que podem projetar seu esquema sobre o corpo social*. (...) O *sonho de uma sociedade perfeita* é facilmente atribuído pelos historiadores aos filósofos e juristas do século XVIII; *mas há também o sonho militar da sociedade*; (...) Enquanto os juristas procuravam no pacto um modelo primitivo para a construção ou a reconstrução do corpo social, os militares e com eles os técnicos da *disciplina* elaboravam processos para a coerção individual e coletiva dos corpos.” (Foucault 1987:151-2 apud Castro 1990:137-8).

Por meio de tais ideias podemos ter uma noção mais aproximada da influência da instituição militar sobre a burocracia estatal e sobre a organização da sociedade civil. Segundo essa perspectiva, as academias militares necessariamente devem criar um “corpo autônomo” disciplinado e eficaz – nesse sentido, o Estado pode ser visto como o detentor de um monopólio da força física que atua internamente para manter sua unidade social e externamente frente aos adversários representados por outros exércitos de outras nações e que para tal há de se treinar e manter essa instituição castrense.

- **Onda de maio**

A “onda de maio de 1986” iniciou-se quando da detecção de objetos voadores não identificados no céu de São José dos Campos, pelos radares dos centros de controle. O centro de Brasília acionou o avião Xingu que se aproximava da cidade, pilotado pelo comandante Alcir, e pediu para que se aproximasse do objeto, na tentativa de seu reconhecimento. A respeito, o comandante Alcir relata seu envolvimento:

Isso era uma estrela, uma estrela bem luminosa de cor alaranjada, avermelhada parecida assim, quando então nós informamos ao controle de São José dos Campos que iríamos prosseguir em direção a esse objeto, sei lá, a essa luz e essa luz simplesmente desapareceu, como se fosse uma luz que tivesse apagado.¹³

¹³ Fantástico 25/5/1986, Óvinis sobre o Brasil, Rede Globo

No mesmo voo encontrava-se Ozíres Silva, no momento presidente da Embraer, que se dirigia ao Rio de Janeiro para assumir a presidência da Petrobras. Em “O Mistério que Veio do Espaço”, programa jornalístico/educativo do CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa) da Universidade de Brasília, ele relata estranhos orbes que pairavam sobre os céus de São Paulo e São José dos Campos:

“E eu vi na realidade um astro, quer dizer, uma coisa que bastante comum talvez um tanto avermelhado, mas que poderia ser explicado pela poluição que normalmente tem sobre São Paulo, sobretudo nos meses de inverno. (...) Na medida em que eu procurei me aproximar comecei voar, esse objeto desapareceu, foi desaparecendo aos poucos, na medida em que me aproximava até um ponto que não o vi mais.”

Após informar ao Centro de Brasília sobre o contato visual e o sucessivo desaparecimento do “objeto astro”, Ozíres recebeu a solicitação de fazer outro contato, agora em localização inversa da qual estava, na parte leste da cidade:

“Voei na direção desse objeto, de fato vi um ponto no espaço, e esse ponto no espaço cheguei até circundá-lo; ele estava num nível mais baixo que o avião, era noite, portanto não era possível baixar mais da altitude que eu estava (...) para mim continua não identificado o problema, porque o que eu vi na realidade foi um astro e o Centro de Brasília disse que esse astro estava sendo detectado pelo radar (...).”

Informa, ainda, que outros comandantes também viram essas “orbes” e vários passageiros também, e que todos asseguravam tratar-se de visão típica de um astro semelhante a planeta, “ou estrela um tanto avermelhada.” As imagens a seguir, filmadas por Heraldo Canari, mostram um objeto flutuando no centro da grande São Paulo, na avenida São João. Supõe-se que o cinegrafista tenha filmado o mesmo objeto relatado por Ozíres. Na imagem à direita a reportagem “Força Aérea confronta óvni”, da Rede Globo, mostra filme ampliado na ilha de edição.



Na mesma reportagem, Daniel Gomes, chefe da equipe televisiva que filmou o objeto, destaca algumas de suas características: “Você pode perceber que ele gira e fica com cores verdes, laranja, rosa; fica girando no seu próprio eixo com várias cores e é muito interessante, as cores vão mudando.”

Na sequência da reportagem os repórteres entrevistam o professor de astronomia da USP, Roberto Boczko, que diz: “A melhor semelhança seria com a lua, mas como a lua foi filmada do lado direito, então não pode ser. Quanto a um planeta, nenhum deles apresenta um brilho com tamanha magnitude (...) esse objeto não deve ser confundido com nenhum astro celeste (...) e a explicação deve ser procurada em outra atividade e não na parte da astronomia”.

No entanto, esse era apenas o prelúdio de evento bem mais interessante para os militares da FAB (Força Aérea Brasileira). Na mesma noite do encontro do coronel Ozíres Silva e do comandante Alcir com o inesperado, os centros de controle detectaram outros 21 objetos voadores não identificados sobre os céus de São Paulo e Rio de Janeiro, em alta velocidade e em formação. A violação massiva de objetos aéreos não identificados testou a prontidão da FAB. A reação dos militares do Centro de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo (Cindacta) foi a de enviar quatro aviões supersônicos — dois *Mirage* e dois *F5* — com a missão de fazer contato visual, identificar os objetos e interceptá-los, preparados para qualquer situação. As aeronaves partiram em segundos após recebida a ordem..

À época, a opinião pública brasileira estava ciente do acontecimento, informada pelos numerosos casos relatados pelos jornais. A própria situação inusitada, que desafiou os militares, fez-se notória publicamente. Quatro meses depois, os militares preparam uma cerimônia no Palácio do Planalto, aberta à imprensa, em que toda a equipe envolvida, juntamente com o Ministro da Aeronáutica, relata a missão de interceptação e contato visual com os óvnis.

Consta no jornal *Correio Braziliense* de 22 de maio de 1986 que antes do evento o ministro Moreira Lima conversou com o presidente José Sarney, que não demonstrou preocupação mas sentiu curiosidade a respeito do episódio alvo de intensa cobertura midiática.

A entrevista, aberta para a imprensa, tinha na mesa o então ministro da Aeronáutica, brigadeiro Otávio Moreira Lima, os pilotos e pessoal de terra envolvidos na perseguição. Todos relatam a missão e são interrogados por jornalistas, em cadeia

nacional. A seguir, o depoimento de um dos pilotos e de um controlador de voo envolvido na perseguição (Rede Manchete, 1986):

Piloto – Na medida em que fui me dirigindo para São José dos Campos ele foi me informando que o contato estava se aproximando, foram se aproximando e baixaram pra 15 milhas, 10 milhas, cinco milhas... Quando de repente ele me informou que os contatos estavam atrás de mim, imóveis a duas milhas de distância, me acompanhando.

O jornalista, agora, entrevista o militar responsável pelo diálogo com o piloto, que acompanhava a perseguição pelo radar:

Controlador de voo – A segunda aeronave, F5, é... Nós observamos no nosso radar que houve a formação de diversos ecos à sua cauda em torno de seis ou sete ecos à esquerda e a direita da aeronave. Jornalista da Manchete pergunta – Pode se dizer que esse F5 foi perseguido? (breve momento de silêncio) Poderia – ele responde.

O então ministro Moreira Lima diz acerca do procedimento militar em investigações sobre os óvnis:

Toda vez que é detectado um objeto não identificado, evidentemente há um processo bastante eficiente se é uma aeronave que está voando com um plano de vôo aprovado e etc. Mas quando se comprova que é algo diferente as aeronaves são acionadas. O que ocorreu é que os radares detectaram vários objetos não identificados na área de São Paulo, São José dos Campos e Rio de Janeiro. (Rede Globo, 1986)

Em resposta à insistência de um jornalista, Moreira Lima confirma que a atividade extraordinária pode ser atribuída a alguma força inteligente e desconhecida.

Durante vários minutos, as aeronaves nossas que decolaram foram acompanhadas por esses objetos. Uma aeronave foi acompanhada por cerca de sete de um lado e seis do outro. Agora qual é a explicação, não podemos dar ao senhor por que nós não temos essa explicação.

Onze anos após o ocorrido o Moreira Lima, reitera a ausência de explicação apesar da certeza do evento.

(...) na realidade os contatos existiram, foram realmente, tanto que provocou a necessidade de decolar, a decolagem de várias aeronaves, para inclusive testar e verificar essas incursões que ocorreram na área basicamente de São Paulo, então, isso é incontestável, que houve, não há a menor contestação, mas *tecnologicamente*, na realidade nós não tivemos uma explicação. (grifo meu). (Rede Manchete, 1997)

A relação entre as tecnologias envolvidas nesse encontro sugerem interessantes contextos. Pelo o lado humano, por exemplo, o complexo industrial militar e o seu apêndice aeroespacial, devido a imponência e ostentação tecnológica que detém, tomaram para si a responsabilidade do contato alienígena no envio mensagens de radio e

de mensagens acopladas de “carona” e sondas que vagam hoje pelo cosmo. Segundo Wilson Geraldo Oliveira, essa perspectiva é aquela de quem quer dominar “De quem não quer acreditar que corre o risco de ser encontrado. Melhor será encontrar (...) se é que existe alguém para se encontrar” (1995:103).

A perspectiva de dominação também foi discutida por Argüelles em amplos contextos, aproximando-a a uma espécie de manicômio:

“As crenças, subscrita e aceita pelas instituições da presente ordem mundial, de que eles controlam o mundo, caracteriza o paradigma predominante. A crença nesse paradigma, a visão materialista e científica do mundo, pode ser comparada ao um manicômio. (...) os alicerces de tal manicômio foram construídos no século dezessete (...). Por volta de 1756, começaram a ser levantadas as paredes do manicômio – crença no progresso tecnológico e na democracia industrial. Entre 1874 e 1895, fez-se o teto eletromagnético do manicômio. Finalmente, entre 1953 e o atual momento, era do lançamento da humanidade e de suas sondas de inteligência sensorial artificial no “espaço exterior”, o manicômio começou a desagregar-se internamente. Quando a isso, deve ser lembrado que a noção de mudança de paradigma foi introduzida pela primeira vez por Thomas Kuhn, em 1964.” (1987:167)

Já em relação aos óvnis, estes apareceram em massa durante a Segunda Grande Guerra, e demonstraram um especial interesse pelas bases aéreas e pelas instalações nucleares, o que torna suspeito, segundo Jung, deles estarem preocupados com nossa tecnologias de fissão nuclear.

Além de manter inúmeras “ondas” de aparecimento, sendo a “onda de maio de 1986” uma de suas mais notáveis, eles ocorrem por vezes durante sucessivos “fracassos” da alta tecnologia humana. José Argüelles soube melhor estabelecer essa questão quando aludiu à explosão do ônibus espacial *Challenger* em 28 de janeiro de 1986 e de outros desastres aeroespaciais conseguintes além do acidente de Chernobyl a um evento sincrônico maior, que inclui a “onda de maio de 1986”, falhas tecnológicas e eventos insólitos que aludem a desintegração do “manicomio” :

Enquanto procediam as investigações para localizar a “falha técnica” causadora do desastre, os três próximos lançamentos da Nasa explodiram todos logo após a decolagem. Como se já não bastasse, o mesmo aconteceu com o Ariane europeu, tudo isso ocorreu no período de entre o final de janeiro e meados de maio de 1986. (...) O desastre nuclear de Chernobyl, ocorrido em 25-26 de abril de 1986, e o vôo rasante de treze óvnis sobre a Força Aérea Brasileira, em 23 de maio de 1986, foram dois outros sinais do campo ressonante anunciando simultaneamente a falha e os limites da tecnologia e a rápida desintegração do atual manicômio. (1987:170-1)

A força do discurso científico é evocada em diferentes momentos, como veremos mais adiante, mas sem dúvida, no caso da “onda de maio”, a declaração quanto à falta de

conhecimentos científicos é utilizadas para limitar qualquer tipo de explicação sobre a presença de objetos voadores luminosos. Diferentemente dos ufólogos os militares não dizem que os óvnis são naves alienígenas, por exemplo, mas dizem que são tecnologias incompreensíveis.

No entanto, seria equivocado supor que os militares não se dedicam a estudar as possibilidades do contato, por mais absurdo ou incompreensível que a voz oficial pareça ser. O encontro, na maioria das vezes, é forçado e não intencional por parte dos humanos. Essa alteridade imposta, com estimativa de milhões de casos em todo o planeta, certamente chama a atenção dos militares. Prova disso é a existência documental de laboratórios e projetos da década de 60 e 70, em que os militares dedicaram-se a pesquisar tais fenômenos.

Para melhor ilustrar o caráter oficial na pesquisa ufológica, o capitão da reserva, Basílio Baranoff, que trabalha no Instituto da aeronáutica e espaço em São José dos Campos, produziu documento extraoficial a respeito da onda de maio de 1986. Segundo reportagem da Rede Globo¹⁴, tal documento revela que as forças armadas dedicam-se a estudar o assunto e o levam a sério, pois no ano de 1969, o brigadeiro José Vaz da Silva criou o Sioni (Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados).¹⁵

Segundo Basílio Baranoff, essa organização previa a criação de laboratórios, denominados Lioani – Laboratório de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados – destinados à pesquisa de eventos óvnis no espaço aéreo brasileiro:

Essa organização previa laboratórios que eram o Lioani, de pesquisa né, para efetuar realmente pesquisas científicas a respeito desses objetos. Pela natureza da organização militar, ela tem o aspecto estratégico né, da segurança nacional, e também ela tem o interesse de saber do que que se trata, o que que são essas objetos voadores não identificados.

Nessa mesma reportagem, o presidente do Instituto de Pesquisa de Fenômenos Aéreos Espaciais, Claudeir Covo, menciona um documento confidencial recebido através de um militar com procedimentos que devem ser adotados pelos pilotos em caso de algum contato visual. O Artigo 4.7 do documento diz – “havendo o telefonema de jornalistas ou ‘curiosos’ solicitando informações responder que não está autorizado a fornecê-las.” Claudeir explica que “é muito importante as informações que recebemos extra-oficialmente dos militares por que eles confirmam que realmente o fenômeno existe e está ocorrendo.”

¹⁴ A versão oficial sobre o caso dos OVINS no Brasil. Rede Globo.

¹⁵ Alguns documentos desses laboratórios e programas encontram-se em anexo.

Talvez, como sugere reportagem da Rede Globo “A versão oficial do Óvnis no Brasil” o primeiro pronunciamento militar a respeito da seriedade da pesquisa óvni ocorreu em 1954 quando, em uma palestra concedida na Escola Superior de Guerra o Coronel Adil Oliveira, Chefe do Serviço de Informações do Estado Maior da Aeronáutica declara: “Os governos devem estudar o fenômeno óvni cuidadosamente.”

- **Sioani**

Sob quais justificativas poderiam os militares dedicarem-se oficialmente ao estudo do fenômeno óvni? Questão tanto mais pertinente quanto os pronunciamentos aqui apresentados sugerem que os óvnis são alvo de intensas pesquisas por parte dos militares brasileiros. Os militares, enquanto representantes do estado, criaram centros e laboratórios de estudos dos óvnis, como o Lioani e o Sioani. O mais interessante é perceber que, pelo teor do texto do primeiro boletim do Sioani, documento que inaugura e disserta sobre a importância da criação do sistema, assinado pelo coronel brigadeiro José Vaz da Silva em 15 de abril de 1969, em formato de projeto científico positivista. Na sua introdução histórica, o documento ressalva:

“Imenso é o noticiário da imprensa mundial sobre os aparecimento do fenômeno conhecido como “discos voadores” que passaremos a chamar de Oani (objetos aéreos não identificados). A partir de 1947, em ondas sucessivas, as notícias se projetam nas páginas dos jornais, a povoar a imaginação dos sonhadores, a fortalecer os argumentos filosóficos dos místicos, a aguçar a curiosidade do homem quotidiano, a ferir o ceticismo dos cientistas, a desafiar a inteligência humana para equacionamento de um problema cujos valores parecem extrapolar o quadro dimensional do mundo em que vivemos. Vasta é a bibliografia sobre o assunto, cujo aspecto sedutor parece atrair toda a gama de habilidade de nossa potencialidade imaginativa. O material aí está, a desafiar, em suas páginas, a argúcia dos que, no silêncio de suas bibliotecas, buscam a resposta de suas interrogações.

É razoável conceber que aqueles que são responsáveis pela defesa do território nacional ao deparar-se com a fenomenologia dos óvnis, dedique-se a estudar atentamente tais presenças. No entanto, mesmo aqueles que tomam a iniciativa de fomentar a pesquisa sobre tal fenômeno devem apresentar justificativas satisfatórias para a criação desses laboratórios e projetos:

“Há pouco temos conhecemos um trabalho de compilação da Força Aérea Americana – uma publicação de reunia 5 milhões de notícias sobre a ocorrência do fenômeno, no mundo, nesses últimos anos. Esses dados porém, apesar de não possuírem nenhuma fundamentação científica, pois são apenas notícias sobre o fenômeno ou pretensas aparições de Oani, servem para admitir-se a existência de alguma coisa que deve ser pesquisada, que deve ser cientificamente investigada. É isto a que se propôs a IV Zona Aérea.”

O brigadeiro Otávio Moreira Lima durante o pronunciamento da onda de maio de 1986, disse que as explicações sobre o fenômeno deveriam ser científicas e os militares eram incapazes de fazer isso. O boletim do Sioani de 1969 deixa claro a recusa dos cientistas em relevar a fenomenologia dos óvnis, no entanto, aponta para um crescente interesse, mesmo que em pequenos passos:

“O mundo científico recusou-se categoricamente a tomar conhecimento do assunto. Para os cientistas em geral, o fenômeno não passava de alterações fisiológicas, psicológicas ou psíquicas dos observadores; quando muito admitiam, por vezes, a ocorrência de fenômenos meteorológico ou atmosféricos. A ciência não julgava azado ainda o momento para cuidar do fenômeno, ou melhor, ela se recusava a catalogar como tal o fenômeno dos Objetos Aéreos Não Identificados. A ocorrência, porém, de alguns fatos sensacionais nos EE.UU. e o impacto de verdadeiras ondas de notícias, tanto na América do Norte quanto na Europa, começaram a atrair a atenção de alguns elementos do mundo científico. Receosos, contudo, de um possível ridículo e temerosos das consequências do sensacionalismo desenfreado da imprensa, os cientistas, só com muita cautela e excessiva discrição, ousaram lançar suas vistas à fenomenologia oani”.

O documento reconhece que a maioria dos cientistas que estudaram o fenômeno optaram pelo anonimato.

“Várias teorias, inúmeras teses, diversas hipóteses, numerosas doutrinas se construíram para abrigar o fenômeno. OFICIALMENTE, PORÉM, A CIÊNCIA AINDA NÃO SE DIGNOU A TRATAR DO ASSUNTO OANI, E OS CIENTISTAS DE RESPONSABILIDADE, QUE ESTUDAM O FENÔMENO, FAZEM-NO COM A MAIS ABSOLUTA DISCRICÃO”.

O documento cita atmbém “no mundo profano” o fenômeno óvni é tema de feitiço, superstições e farsas, além de também ser “a vontade de saber, de evoluir, de desvendar (...) com a coisa séria e bem intencionada”:

Mas, em meio a esse universo de controvérsias, a esse aparente mundo caótico (...) temos certeza de que há um fenômeno que de ser estudado, que deve ser levado a sério, que deve ser tratado com austeridade. A esse fenômeno que a Força Aérea Brasileira resolveu dedicar parte de sua atenção, de sua capacidade, de suas puras e honestas intenções.

É com essas palavras que o documento constrói o desfecho do tópico “A atenção do mundo científico – as controvérsias”. Esse mosaico de “atenções” alienígenas pode ser tido como um documento paradigmático, pois fala bastante sobre por si mesmo e sobre os militares e suas preocupações com o que ocorre no espaço aéreo brasileiro.

- **Operação Prato**

O evento conhecido oficialmente como “Operação Prato”, uma operação da Força Aérea Brasileira, ocorreu em solo amazônico no final da década de 70 na região conhecida como Salgado, norte de Pará. Consta no jornal *Estado do Pará* de dezembro de 1977 que algumas cidades como Ubituba estavam praticamente abandonadas, pois seus cidadãos fugiam da agonia de objetos voadores luminosos. Em alguns casos tais luzes imputavam queimaduras nas pessoas, principalmente nas mulheres.

Nessa época, a unidade de saúde de Colares, única na região, estava cheia de pessoas apavoradas que contavam semelhantes histórias sobre queimaduras e perseguições. Segundo o jornalista Carlos Mendes do jornal *Estado do Pará* que cobriu os eventos dessa região e que entrevistado pelo programa *Operação Prato* da Rede Globo, “as pessoas ficavam em pânico, a unidade de saúde de Colares, virou quase que um “pátio dos milagres”.

“As histórias eram sempre as mesmas. As luzes desciam do espaço, sugavam as pessoas as paralisavam e deixavam marcas. (...) Não entendiam o por que dos ataques. Mas afirmavam terem sido atacadas com violência. Eu tentava entender o motivo dos acontecimentos e se as luzes realmente apareciam para aquelas pessoas. Eu não vi. Mas pude ver a sensação de pavor e percebi que aquilo, era um pedido de socorro.”

A diretora da unidade na época e que atendeu centenas de pacientes, Dr. Wellaide Carvalho, achava curioso o fato de pessoas que moram às vezes mais de cem quilômetros distantes uma das outras relatarem os mesmos eventos. Mas ainda assim relutava em acreditar nas histórias. Acreditava que seus pacientes estivessem participando de uma espécie de histeria coletiva

No entanto, em entrevista cedida ao *History Chanel*, Wellayde diz que quando voltava para casa depois de um plantão no posto de saúde, um evento a fez mudar de perspectiva:

“Eu olhava para cima e vi aquilo que eu recusava em acreditar. Eu pensava que aquilo era delírio, loucura invenções de pessoas em busca de atenção. Mas eu vi o objeto flutuando na altura de um prédio de dez andares. Não tinha cor de aço inoxidável, nem cor de prata, era diferente de tudo que eu conhecia. Tinha uma cor nunca vista, se movia em círculos. Estava em cima de minha cabeça. Fazia movimentos circulares e voltava.”

Esse evento que fez com que Wellaide reconsidera-se as histórias que seus pacientes contavam e então ela pressionou o prefeito a tomar alguma providência, para

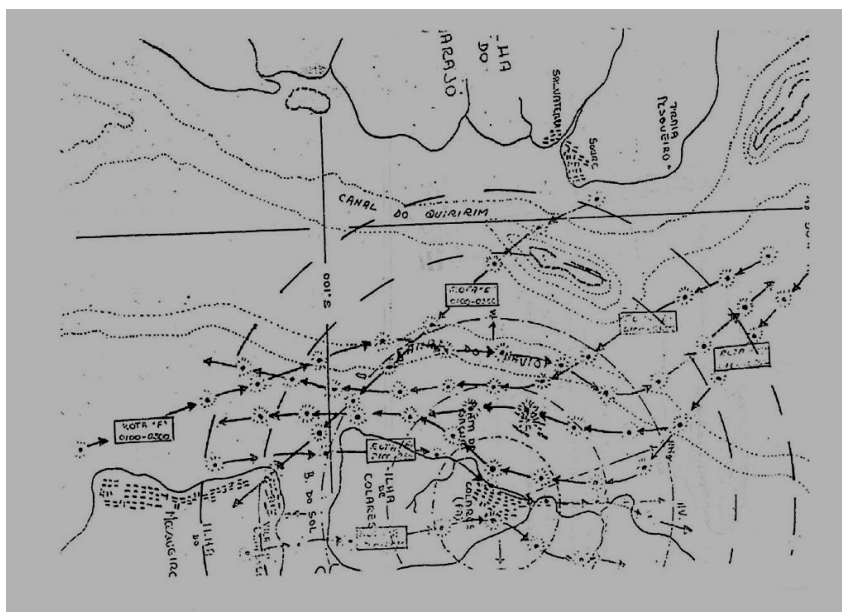
que algo fosse feito em vista de acalmar aquela população que já apelidava os óvnis de “chupa-chupa”. Os civis envolvidos acreditavam que esses objetos luminosos sugavam seu sangue.

O prefeito enviou um pedido para o primeiro Comar que encaminhou uma equipe que foi responsável por produzir um relatório inicial. Segundo o jornalista Carlos Mendes, o teor desse relatório previa que se algo não fosse feito, a saúde mental dos mais fracos corria sérios riscos... Enfim, algumas cidades estavam sendo abandonadas por seus cidadãos e os militares logo perceberam que lidavam com um fato incomum.

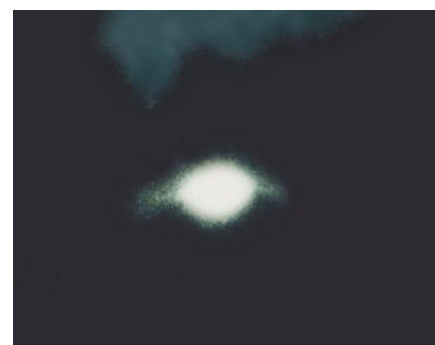
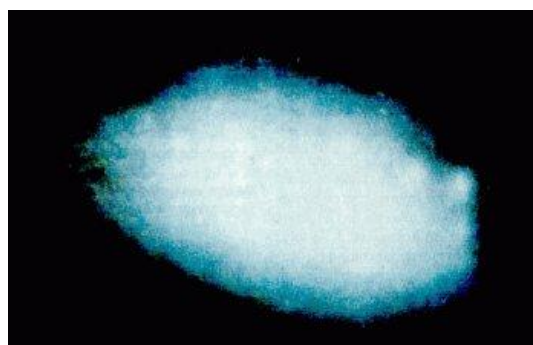
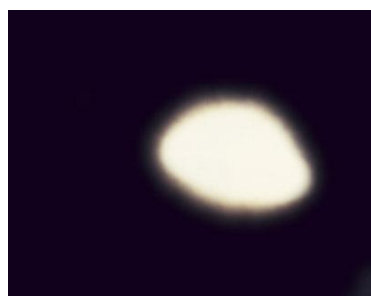
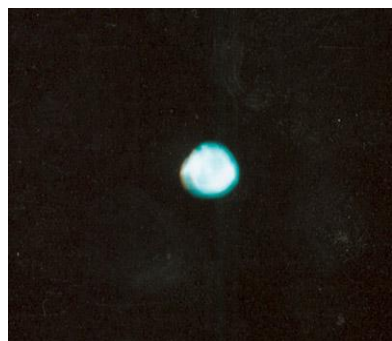
A segunda equipe que foi enviada à Colares contava com um contingente de mais de sessenta pessoas, incluindo, além dos oficiais da FAB, psicólogos, engenheiros e cientistas. Mostravam-se e trabalhavam à luz de todos para que a população fica-se tranquila. Chefiada pelo coronel Uyrânge Hollanda, a operação foi batizada de Operação Prato, uma analogia aos *flying saucers* (pires voadores).

Segundo Nelsonita Costa da Silva, moradora de Colares que foi entrevistada pela Rede Globo, “Pensava assim, que fosse, enviado por Deus né, um castigo, né. (...) eles diziam (os militares) que não era para se apavorar, que aquilo né, devia ter vindo do céu, do planeta, uma coisa, ai, ia confortando as pessoas” (parênteses meu). Enquanto alguns homens acendiam fogueiras à noite e vigiavam a praia, outros se reuniam com suas famílias em não mais que três casas. Uma das missões paralelas da operação era tranquilizar uma população em fuga.

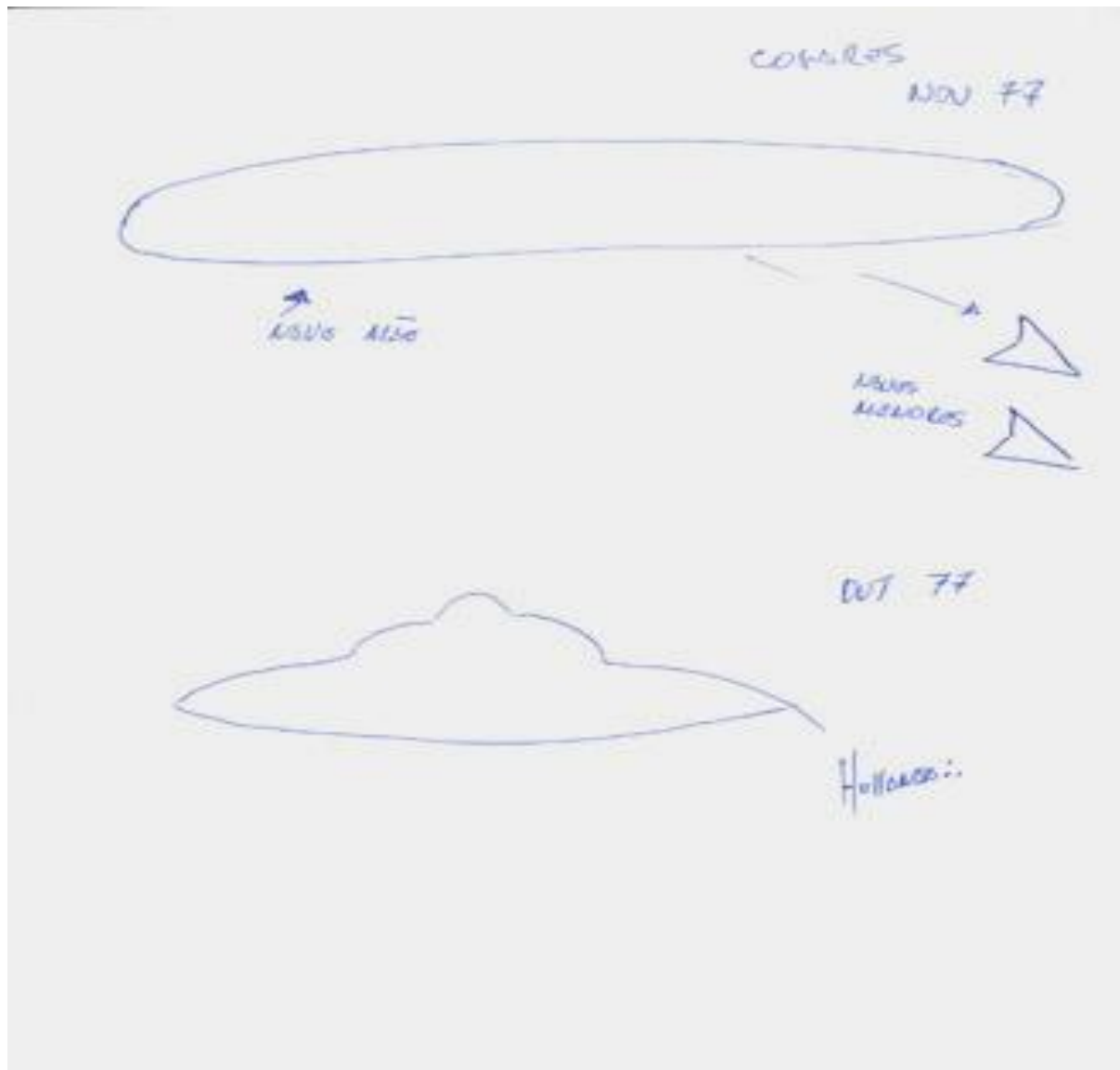
Durante os quatro meses, munidos de câmeras fotográficas e filmadoras, os militares em Colares empreenderam uma minuciosa pesquisa, entrevistando milhares de pessoas e registraram todas as notícias de contatos visuais e perseguições por parte dos óvnis, produzindo mapas que apontam as faixas de atuação dos óvnis:



Objetos voadores não identificados fotografados por Uyrânge Hollanda e sua equipe durante a Operação Prato em Colares. São parte integrante do relatório oficial.



Esse desenho descreve algumas naves e é encabeçada pela data “Colares, novembro de 1977”. A primeira nave, maior, recebe o título de “Nave Mãe”. Saindo dela existem duas setas que descrevem “Naves Menores”. Embaixo há uma nave, com a data do mês de outubro, com formato discóide. No final do documento a assinatura de Uyrânge Hollanda.



Ubiratan Pinón Frías, co-piloto da equipe de Uyrânge, disse, em relação à nave mãe e suas consortes:

“Tivemos a oportunidade de filmar um objeto pairando e dela saindo uma luzes pequenas que nos chamávamos de desova, mas, voava numa velocidade, entrava na mata, tiravam rasante, coisas fantásticas, brincavam conosco, a verdade é que eles brincavam conosco”.

A Operação Prato relata o avistamento de óvnis, ou melhor, corpos luminosos: deslocando-se em grandes altitudes, com aumentos de luminosidade, cambio de cores e lampejos compassados e de grande intensidade.

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
PRIMEIRO COMANDO EM CHEFE REGIONAL

1. ASSUNTO : OBJETOS VOADORES ? IDENTIFICADOS (OVNIS).
2. DATA : 13 e 14. Dez. 77
3. LOCAL : BAIA DO SOL

RELATÓRIO DO AVISTE

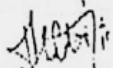
Extra 05

PORTE INFORMATIVA - Da companhia de amigos seguidos / até a Baía do Sol, onde observamos e registramos o que se segue:

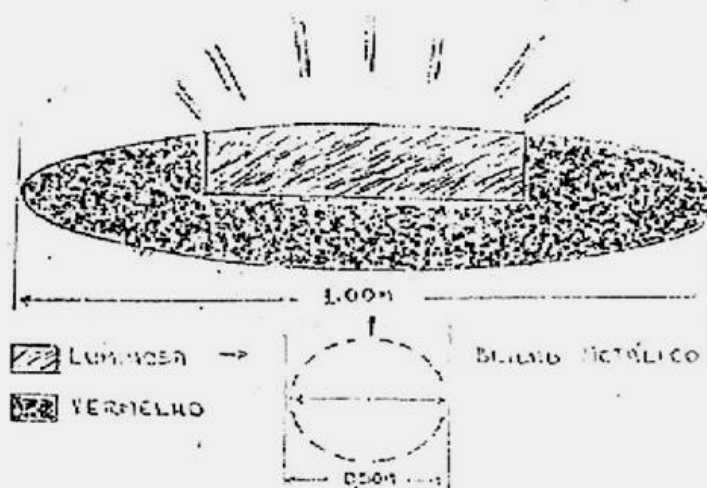
- Dia 13.12.77, às 20:45P - Corpo Luminoso, deslocando-se a grande altitude (acima de 35.000ft), cor Amarelo claro, apagou sobre a Ponta do Machadinho.

- Dia 13.12.77, às 21:05P - Corpo Luminoso, estacionário sobre a Ponta do Machadinho, rápidos aumentos de luminosidade, cor Amarelo-avermelhada, com lampejos (reflexos) azulados, observados durante breve espaço de tempo.

- Dia 14.12.77, às 00:45P - Corpo Luminoso, deslocando-se a média altitude (abaixo de 9.000ft), no sentido Noroeste para Sudeste, cor Amarelo-avermelhada, velocidade média, sem ruído, lampejos azulados compassados e de grande intensidade.


IS FLAVIO - G AT ET

Esse desenho sugere um óvni de aproximadamente um metro de diâmetro, deslocando-se em alta velocidade “maior que a de avião a jato” com movimentos irregulares, “como se fosse uma folha ao vento” desaparecendo em linha reta na direção do poente.



LOCAL : COLARES-PA

LAT. 00° 52' 40" S - LONG. 048° 23' 00" W

DATA : 23 NOV 77 - HORA 09:30/10:30 P (ESTIMADA).

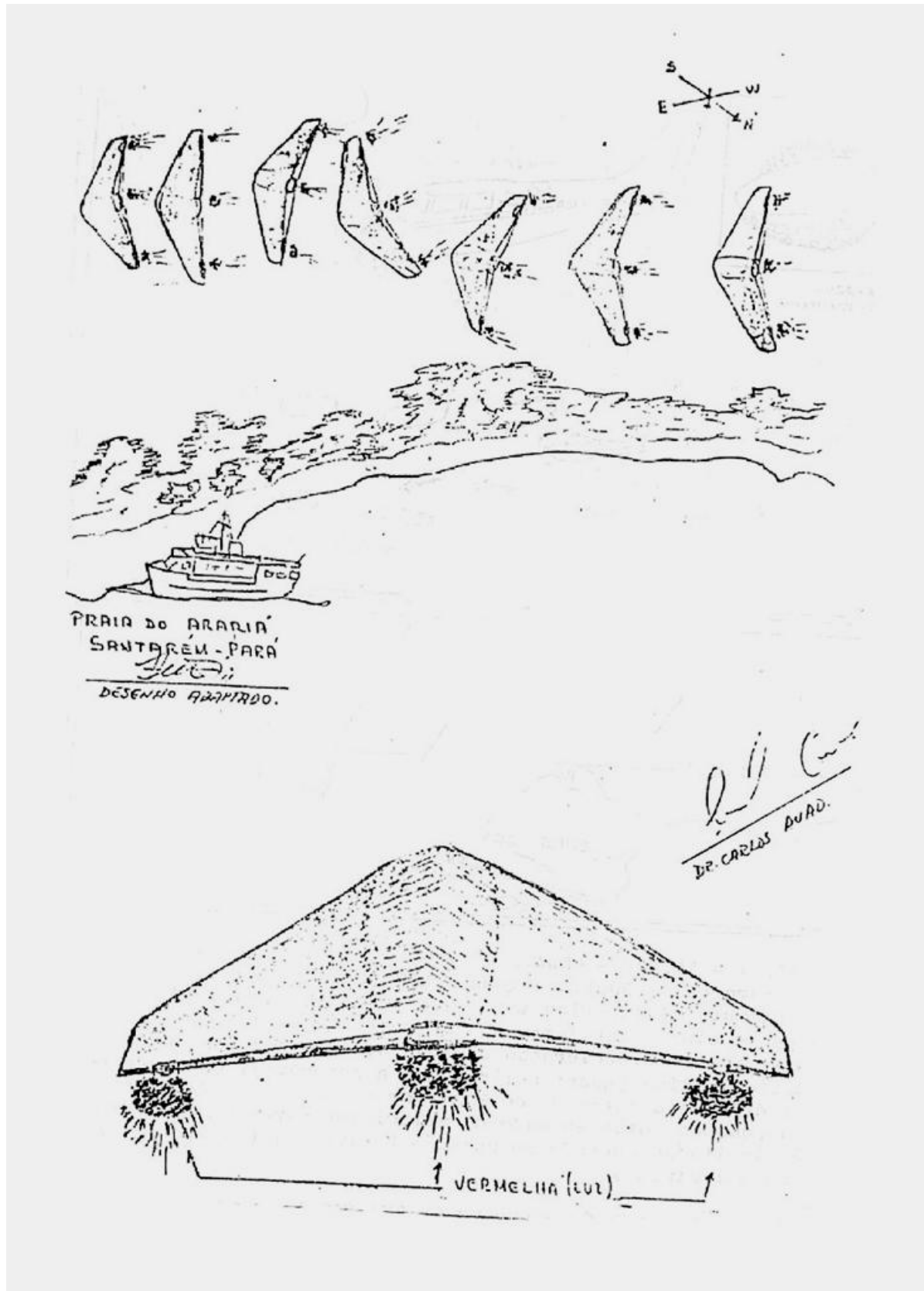
COND. METEOROLÓGICAS : NIL, CÉU CLARO.

DESENHO (ADAPTADO) DE ACÓRDO COM ORIGINÁ

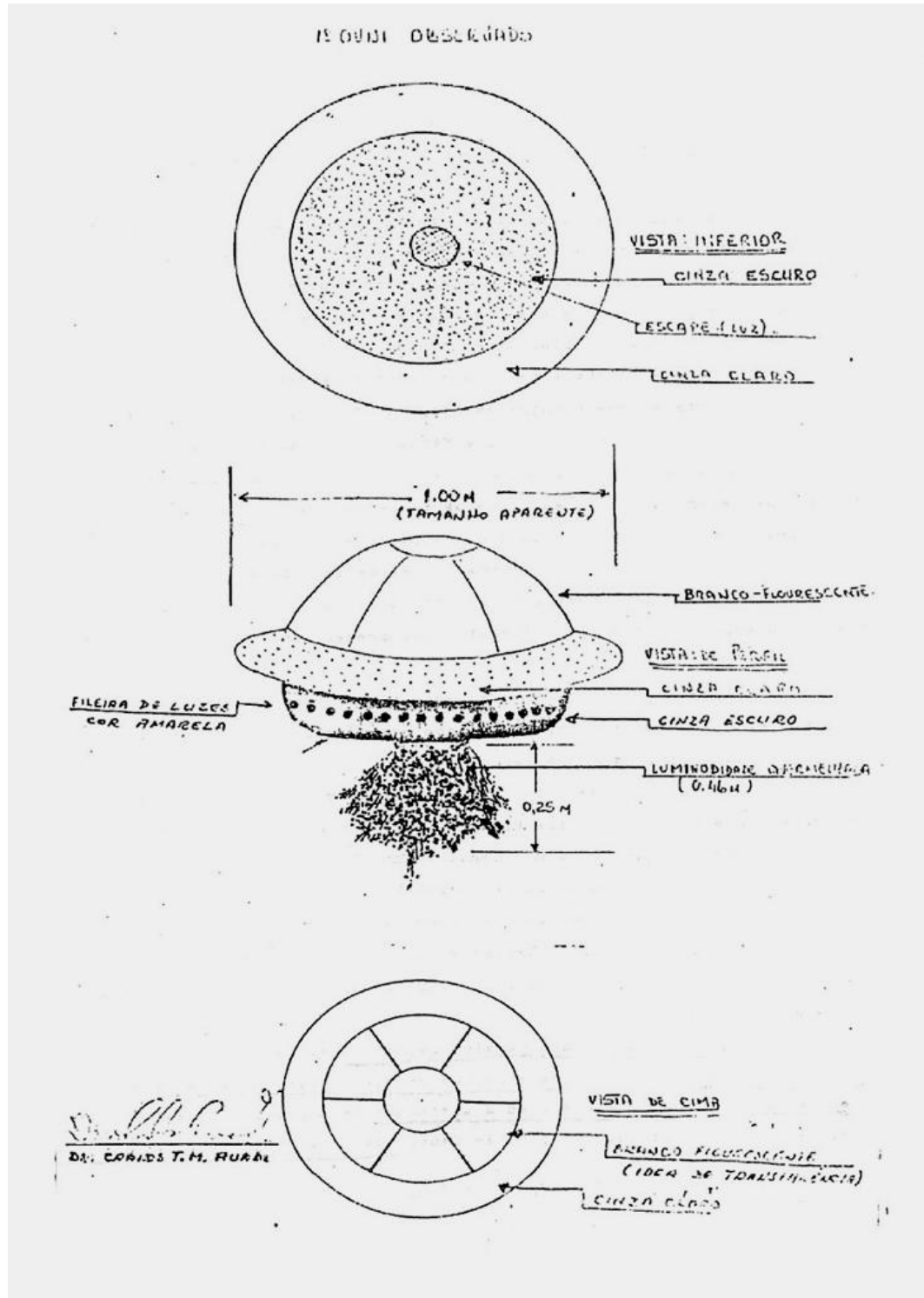
[Handwritten signature]

1977 - 23.11 - 09:30/10:30P - RELATO 59A - CL. 8 - 144 - Objeto Aéreo (não era avião), de forma oval-cilíndrica, cor Vermelha/ e brilho metálico na parte superior; deslocava-se com grande velocidade (maior que a de avião à jato), no sentido SE/NE, a baixa altura (1.000/1.200m), passando à distância de 1.500m do observador; media aproximadamente 1.00m de comprimento por // 0,50m de largura (diâmetro); movimentava-se de maneira irregular (o que chamou atenção do Relator) como se fosse uma folha ao vento, parava rapidamente, girava e se deslocava com velocidade, como se recebesse impulsos; após efetuar várias evoluções, aumentou muito sua velocidade e em linha reta desapareceu para o lado do nascente um pouco para o Norte (NE) (sic), NE = o Relator encontrava-se sozinho, mais acredita que outras pessoas também viram o "objeto".

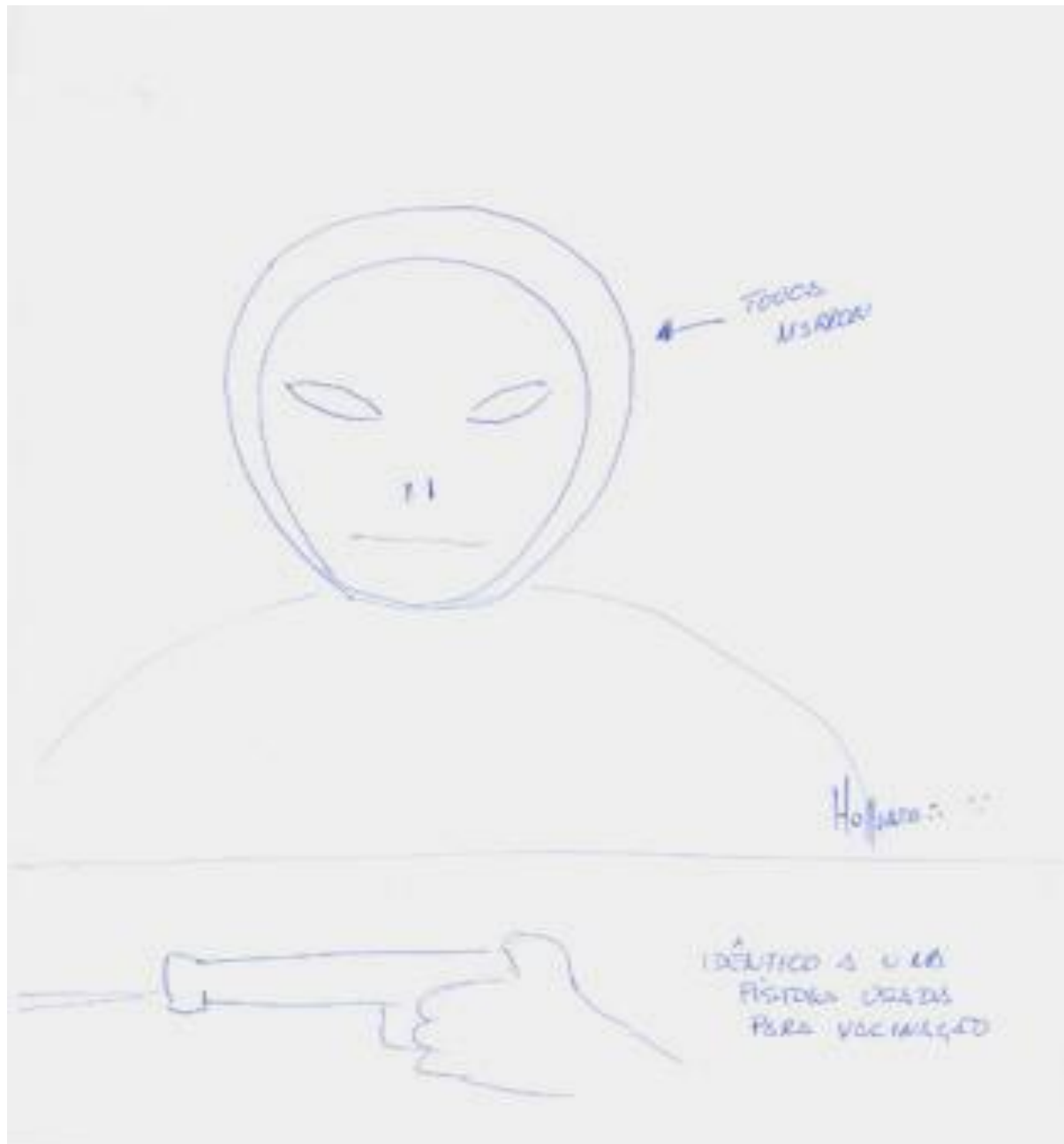
Este outro descreve uma nave em formato triangular com três propulsores de luz vermelha na cauda.



Nesse desenho encontramos a descrição de um óvni em formato oval. O que mais impressiona na descrição das características dessa nave e a magnitude aparente de seu diâmetro: 100 metros.



O desenho abaixo retrata um hominídeo alienígena e recebe duas indicações na foto. A primeira aponta uma seta para a cabeça do ser: touca marrom. A segunda referente à arma: idêntico a uma pistola usada para vacinação. O desenho do hominídeo alienígena é uma das fontes mais curiosas do relatório e revela um quadro inusitado. Em entrevista extraoficial, o chefe da Operação Prato relata o encontro que teve com esse ser, depoimento este que será discutido no próximo capítulo.



É sobre o material, produzido em quatro meses de pesquisas intensivas, que se debruçam as centenas de página de documentos oficiais da Operação Prato. No entanto, numa entrevista que Hollanda concedeu aos editores da revista brasileira UFO em 1997,

já na reserva do serviço militar, declara que durante a operação em 1977, foi produzido um vasto relatório¹⁶, que foi entregue aos seus superiores e mais tarde enviado à Brasília e que confere uma documentação bem maior do que a disponível para consulta¹⁷. Uyrângê, dois meses após conceder essa entrevistas, anterior a liberação dos documentos de seu relatório produzido em 77, comete suicídio, adicionando mais um capítulo no mistério de Colares.

Esse material somente veio à tona em vinte de maio de 2005 quando os ufólogos reunidos na revista UFO e outros investigadores organizados obtiveram permissão para examinar os documentos dos quartéis da Força Aérea Brasileira em Brasília através dos esforços da campanha intitulada “Ufos, Liberdade de Informação Já”. No documentário do *History Channel* Gaevard diz “Eu acredito como ufólogo e cidadão brasileiro, que esse tipo de informação não deve estar restrita nos quartéis e arquivos militares, a população precisa ter acesso a isso”.

Segundo o ufólogo A.J. Gaevard, que teve acesso ao relatório completo da Operação Prato, o documento termina descrevendo as queimaduras e picadas causadas pelas luzes.¹⁸



¹⁶ O material em relatório declarado pelo Coronel Hollanda em entrevista reunia mais de quinhentas fotos, horas de filmes, diários de ocorrência, desenhos e aerogramas.

¹⁷ Os documentos citados encontram-se em sítios da internet organizados por pesquisadores do fenômeno óvni e foram escolhidos por que sintetizam uma produção mais ampla contida no relatório da Operação Prato. A partir desta pesquisa encontrei centenas de páginas de documentos que incluem fotos e desenhos e que foram produzidos por diferentes organizações militares, como os arquivos do Lioani e Cioani, que alguns encontram-se presente em anexo. Os grupos de pesquisadores organizam a distribuição dos documentos nos seguintes endereços da web: www.ufo.com.br; www.fenomenum.com.br.

¹⁸ Segundo o Uyrangê Hollanda, uma pessoa morreu devido à proximidade de um desses objetos luminosos que voava sobre sua embarcação de madrugada. De acordo com o relato da Dr. Wellaide, duas pacientes que ela enviou para Belém morreram. Admite que quando chegaram ao posto de saúde de Colares, já estavam inconscientes e com os corpos totalmente rígidos e sem registrarem nenhum tipo de reação. Quando solicitou a *causa mortis* ao hospital em Belém, querendo esclarecer os familiares das vítimas, obteve a resposta: *causa mortis* desconhecida.

Na entrevista concedida aos ufólogos Marcos Petit e A.J. Gaevard, Uyrânge tenta explicar os incidentes e as queimaduras supondo que a intenção dos óvnis era a de coletar material humano para a produção de um soro, uma vacina, que os protege-se de um contato futuro, franco e aberto. Uyrânge relata isso à partir da analogia do comportamento dos alienígenas com suas experiências militares na selva quando evitava ao máximo transmitir doenças com as quais os indígenas não estão preparados para lidar.

A.J. Gaevard teve acesso ao relatório completo da Operação Prato. do solicitou autorização para publicá-lo obteve uma nota oficial que recusando o pedido, para evitar possíveis embaraços desnecessários com a imprensa, além de alegar que “o relatório foi produzido com diversos depoimentos sem nenhuma base científica”.

Se nos pronunciamentos da “onda de maio de 1986”, a falta de conhecimentos científicos era argumentada para evitar qualquer tipo de explicação, nessa resposta dada ao ufólogo A.J. Gaevard os militares evocam a falta de base científica para desqualificar o relatório da operação.

Segundo Marcos Petit “O coronel Hollanda se convencera de que não podia morrer sem contar sua história era fundamental que escutássemos o personagem principal dessa história que havia comandado toda a operação. Ele disse que poderia morrer de uma hora para a outra e então a verdade morreria com ele e não queria que isso acontecesse.” Uyrânge era uma peça chave nesse jogo de informações secretas.

- **Ceifo**

O relato presente na recém política equatoriana exposta na criação da Ceifo (*Comission Equatoriana de Investigacion del Fenômeno Óvni*), comissão essa criada oficialmente pelo ministério da defesa nacional, em 5 de abril de 2005 que tem como coordenador nacional o ufólogo Jaime Rodriguez e é composta por seis militares e seis civis, reuniu mais de quarenta testemunhos dados por oficiais das forças armadas, testemunhos estes oficialmente amparados pela decreto assinado pelo presidente Rafael Corrêa ao três comandantes das forças armadas, no dia 25 de junho de 2007, que autoriza a quebra de sigilo acerca de assuntos ufológicos aos militares e outros agentes do Estado.¹⁹

¹⁹ Na internet encontramos material jornalístico televisivo que conta com a entrevista a Jaime Rodrigues disponível em <http://www.youtube.com/user/tercermilenio>.

Tal atitude criou um ambiente em que os militares e outros agentes, como o embaixador Alberto Ávila Machuca que se envolveram em assuntos relacionados aos óvnis e, quiçá, seus tripulantes, tem autorização relatar suas experiências. É interessante notar o que diz Jaime Rodrigues, o coordenador geral da Ceifo, sobre o significado maior da criação dessa comissão.

“Os agentes de segurança interna da presidência da república se dão conta que a Central de Inteligência Norte-Americana, estavam pagando os equatorianos para que ocultem a informação, muita informação; o presidente se dá conta desse tema, e em um gesto sem precedentes, e tenho as declarações e a imprensa, sem precedentes Corrêa decide expulsar todos os agentes da CIA que haviam sido já detectados (...)”.

Em razão das reuniões que participou junto aos militares do Conselho de Segurança Nacional e o presidente Rafael Correa, Jaime Rodrigues diz:

“O presidente em minha frente disse a todos os comandantes “Senhores, toda a informação do fenômeno óvni a partir de hoje tem que liberar, não queremos segredos aqui”, por que havia um argumento “tonto”que dizia que eram máquinas dos norte-americanos (...)”.

Jaime Rodrigues relata que o presidente Rafael Correa afirmou aos militares que, caso os óvnis forem naves norte-americanas, que sejam interceptados, já que estão violando o espaço nacional. Jaime disse ainda que teve um encontro com o Ministro da Educação em que pediu a este que inclui-se no ensino primário a disciplina de astronomia básica.

“Estamos conversando com o ministro do educação para que se ponha obrigatoriamente em todas as escolas a matéria de astronomia básica; para que todas as novas gerações tenha acesso ao conhecimento do entorno cósmico e para que possam compreender como opera o cosmos.

À respeito do respaldo militar que encontrou, Jaime Rodrigues disse que o General de Brigada Patricio Cardenas Proaño, a autoridade militar máxima, escreveu-lhe uma carta em que dizia que toda informação sobre o fenômeno óvni será entregue a ele:

“É importante ver a mudança de atitude nas pessoas diante desse tema, antes sempre existia a dúvida, o truque, a má conversação, a má interpretação, agora não, agente se deu conta que no fenômeno óvni existe apenas duas alternativas ou isto é uma farsa, em que nós estamos comprometendo milhares de pessoas, ou isto é uma grande realidade”.

Alberto Ávilla Machuca, diplomata equatoriano, após o respaldo presidencial de quebra de sigilo, deu uma entrevista para o programa Terceiro Milênio, em que ele narra a história do diálogo que estabeleceu diversas vezes com um ser que se apresentou na

embaixada equatoriana no Peru em 1972 identificando-se como o “Comandante Banghu”, comandante de uma frota de óvnis. Segundo Alberto Ávila Machuca:

“Eu era muito cético quanto a isto; realmente pensava que havia um nível cultural inferior quando alguém fazia algumas referencias de óvnis, de naves espaciais, naves desconhecidas. Mas eu pessoalmente tive uma experiência (...), quando estive em missão diplomática no Peru (...). Este cavalheiro, entra pelo consulado que era a primeira dependência da embaixada, e pede para falar com o embaixador, o cônsul José da Vila Gonzáles. Perguntarem se ele tinha uma audiência, uma visita marcada e ele disse “não é a primeira vez que venho e me anuncio” e quem você anuncia? Disse, “sou o comandante Banghu”, da marinha, das forças armadas? “Não, sou comandante de um frota de óvnis”. Então a secretaria se surpreende e diz “como!?” subiu-lhe os cabelos! E anuncia ao embaixador e o embaixador disse “Bom, o que se passa, óvnis? atenda você mesmo...”

Machuca, que na época era adendo cultural da embaixada do Equador no Peru, recebeu do embaixador a responsabilidade de atender a esse ser que se chamava Banghu, o que fez em companhia de outro colega em não mais que seis ocasiões.

Na realidade ele tinha uma presença fascinante, um carisma muito especial (...). Elegante, impecável, um homem especialíssimo, com uma conversação muito sociável, um olhar muito especial. Nos fascinamos nos dois em ver-lo tão distinto com tão bonita conversação, e então disse a nos dois que queria falar diretamente com o embaixador(...). Nos dissemos que iríamos ver se havia espaço em sua agenda, se em algum outro momento fosse possível. Este cavalheiro continuou insistindo em várias oportunidades mas o embaixador insistiu em não o atender, (...)e nos estávamos impressionados com essa personalidade desse homem.

Em uma das visitas, Alberto Ávila Machuca disse que Banghu insistia em falar com o embaixador mas este estava ocupado em uma conferencia de direitos humanos nos Estados Unidos e durante quinze dias ele não estaria disponível:

Então ele nos confiou que queria fazer um aviso prévio de algo que iria acontecer no Equador, Peru e Chile, isso sim tomamos por que disse que ia haver um problema com o petróleo e um terremoto no Equador, vai haver muitas morte no Peru, vai haver uma troca de governo em cinco de outubro de setenta e sete, ele nos disse a data. No Peru vai haver um terremoto que se deu (...) quarenta e cinco mil mortos, um terremoto que vivemos ai, “claro”, um terremoto de dois minutos, que nunca havíamos pensado, uma intensidade tremenda, destruiu calçadas, avenidas, edifícios. Anotamos isso (...) Efetivamente ficamos surpresos por que aconteceu no Equador como ele disse, morreu Allende subiu Pinochet em cinco de outubro, e houve o terremoto. Tudo que ele havia anunciado se cumpriu ao pé da letra. Foi uma surpresa para nós então chegamos a conclusão que ele não era um simples homem, uma contra espionagem como pensávamos outra vez, que queria buscar a nos para ver o que pretendíamos, para fazer uma contra espionagem. Mas na realidade nós o víamos como um homem.

Certo dia Alberto Ávila, perguntou a ele “onde que te buscamos, a que telefone?”, ele respondeu “Não há necessidade de me prevenir, estarei aqui no momento oportuno”. Nesse dia, ele e seu parceiro se esconderam para ver se alguém o buscava, se alguém iria recebê-lo. “Mas quanto saímos ele desapareceu totalmente, não aparecia por nenhum lado, simplesmente desapareceu.”

Numa situação de total desconcerto, Ávila pergunta a Banghu, em um de seus últimos encontros, sobre “até onde estamos chegando com essa situação?”, sugerindo o que aconteceria caso lhe fizessem alguma coisa na saída da embaixada:

“E ele me mostra um colar que teria uma televisão de miniatura de quatro telas, e numa dessa me vi eu e ele, e na outra me vejo de cima, uma coisa que me impressionou, me deu pânico realmente. ‘São as naves que estão me dando segurança. Estão atentas a minha entrevista. Estes somos nós dois que estamos identificados acima’. E eu fiquei impressionantemente preocupado.(...) E eu pergunto ‘Qual é o objetivo da missão de vocês?’ E ele me dizia. ‘Nos queremos dar uma assistência a vocês que vivem mil anos atrás enquanto cultura, enquanto desenvolvimentos técnicos, científicos, queremos ser os assessores, os impulsores, para outra cultura vocês objetivos mais imediatos, para muito tempo e para o que está sucedendo-se. Então esse é o objetivo e eu estou apresentando meus serviços para vários países, vários organismos, e me valido em vocês por que vocês tem mais informação em mãos, que vocês viram e tem comprovado.’”

O entrevistador do programa Terceiro Milênio pergunta a Ávila se Banghu alguma vez lhe mostrou uma nave:

“Saímos para um espaço verde que havia no espaço interior da embaixada, então ele me disse ‘Olhe, (apontando para cima)’ Então eu pude ver, apreciar e... ‘O que viu?’ (pergunta o entrevistador). Uma luz de cor violeta, com luzes amarelas, mas foram segundos. Ele disse, ‘Isso não é um tipo de visão, uma tremenda realidade, pode observar, se quiser entrar a bordo em algum momento, estou disposto’. Realmente sentia muito medo. ‘Por que te coibiste do convite?’ Bem, não estamos culturalmente e emocionalmente preparados para uma possibilidade dessa, creio que isso se passaria com qualquer um de nós.”

Mais uma vez, a alteridade alienígena aparece aqui imposta pelas evidências por um acontecimento – o embaixador Ávila declarou que antes desse ocorrido era cético em relação ao tema, mas as circunstâncias que ele descreve aqui o fizeram mudar de opinião. Ele não buscou essa informação por curiosidade, foi o embaixador na época que designou a ele o papel de receber oficialmente o ser que se apresentava como comandante Banghu. Este lhe apresentou a possibilidade de alienígenas atuarem junto a forças políticas na Terra, envolvendo-o diretamente com essa possibilidade.

Dispostos tais dados, podemos tecer algumas referências sobre como o Estado brasileiro e o Estado equatoriano definiram, em diferentes casos, medidas de

aproximação com a questão óvni e a presença alienígena. Desde documentos secretos liberados e pronunciamentos em cadeia nacional a decretos presidências e comissões mistas entre militares e civis, o relato oficial de alteridade alienígena é algo que pode ser reunido e analisado. No entanto, em quais narrativas esse tipo de alteridade encontra horizontes mais largos? É a partir dessa sugestão que se dedicará o próximo capítulo, uma aproximação ao discurso militar oficial com o extraoficial na voz de militares na reserva.

Capítulo 3

Alienígenas extraoficiais

O órgão de investigação oficial (Sioani) é o primeiro registro de dedicação sistemática de pesquisa do fenômeno “oani” (objetos aéreos não identificados), segundo a terminologia militar no brasileira. Nesse órgão, foram registrados inúmeros casos da relação entre humanos e alienígenas, relatórios estes que se encontram reunidos por pesquisadores civis²⁰. À respeito da duração desse órgão, criado em 1969, Wilson Oliveira diz: “(O Sioani) produziu resultados até 1972, quando sofre modificações estruturais” (1995:103), sendo muito arriscado afirmar que ele atua ainda hoje.

Ainda no Brasil, a “onda de maio de 1986” inaugurou a quebra de sigilo num momento em que a mais alta hierarquia militar expõe seu desconcerto em relação à missão de contato a óvnis que se transformou inesperadamente numa missão de mútua perseguição.

A Operação Prato que ocorreu no ano de 1977-78, foi fruto de uma pesquisa intensiva junto a uma população do norte do Pará que estava sujeita a agencia de óvnis e que resultou num extenso relatório liberado, em parte, quase trinta anos depois. O brigadeiro José Carlos Pereira, militar que prestou serviço para o alto comando da Força Aérea Brasileira além de chefiar por dois anos o Condabra (Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro), hoje um militar na reserva, disse em reportagem (Rede SBT, 2011) que ajudou a Comissão Brasileira de Ufólogos a pressionar o governo em relação à liberação dos arquivos secretos.

Praticamente após o Brasil liberar parte dos arquivos secretos o Ministério da Defesa Nacional do Equador em 5 de abril de 2005 cria a Ceifo, uma comissão mista de seis civis e seis militares que tem como coordenador geral o ufólogo Jaime Rodriguez. A Ceifo reuniu mais de quarenta depoimentos dados por oficiais das Forças Armadas que estão amparados pelo governo através de um decreto de 27 de junho de 2007 em que o presidente Rafael Corrêa autoriza os militares e outros agentes que envolveram-se em assuntos relacionados aos óvnis e seus tripulantes (nesse caso podemos contar com exemplo o depoimento do embaixador Alberto Ávila Machuca), a relatarem suas experiência em total liberdade.

²⁰ Para ter acesso à esses arquivos por favor consulte os sítios: www.ufo.com.br e www.fenomenum.com.br.

Os agentes de segurança interna da presidência da república relataram ao presidente de que alguns militares do alto comando recebiam propina da CIA para que ocultassem informações do fenômeno óvni. O criação da Ceifo, segundo seu coordenador geral, estava por trás dessa informação, que motivou o presidente Rafael Corrêa a decidir pela expulsão de todos os agentes da CIA que haviam sido detectados, ao mesmo tempo em que estabelece a Ceifo e assina o decreto que autoriza os militares a relatar seus envolvimento com o fenômeno óvni, sendo que o coordenador geral da Ceifo pretende convencer o Ministério da Educação para que se inclua no ensino primário a disciplina de astronomia básica.

Tendo em conta essa pequena revisão do caráter oficial sobre a agencia militar em relação à pesquisa alienígena, gostaria de expor discursos extra-oficiais, narrativas em sua maioria centrada em vozes de militares aposentados, em outras palavras, na reserva.

- **Entrevista com Uyrânge**

Antes mesmo da Operação Prato vir a tona em documentos oficiais produzidos por Uyrânge Hollanda e sua equipe na década de 70, em 1997, já na reserva, entrou em contato com os editores da revista UFO oferecendo uma entrevista. Segundo o ufólogo Gaevard, no documentário do *History Channel*, “ele me ligou e disse que admirava meu trabalho, disse que eu fazia a coisa certa, mas no passado, não pudemos conversar, pois ele estava no exército, mas agora ele estava aposentado, e se eu quisesse conversar poderia visitá-lo”.

Logo ele e seu co-editor Marcos Petit foram visitar Hollanda. Reuniram-se na casa do coronel em Cabo Frio próximo ao Rio de Janeiro, e ali conduziram uma longa entrevista durante dois dias, registrada em vídeo, que mais tarde, além de ser usada na publicação de uma matéria e num documentário dessa revista, também serviu de material para a Rede Globo e pelo *History Channel* produzirem seus documentários, documentos esses que servirão aqui como fontes documentais. É certo que a Operação Prato é uma referência mundial de casos de alteridade alienígena.

Gaevard comenta que Uyrânge era um homem muito lúcido, uma pessoa que guardava em sua memória profundos detalhes de uma operação que havia ocorrido há vinte. Nas palavras Uyrânge, a operação teve início com:

“(...) a informação dada pelo prefeito da região aonde estavam ocorrendo essas coisas, pedindo providencias para o comandante do primeiro Comar. O ofício foi recebido e foi mandado uma equipe de agentes para que fosse tirar a limpo essa, esses avistamentos, saber realmente o que estava acontecendo. Eu estava fora quando retornei, me foi passada, o início da operação, a documentação inicial, de que eu chefiasse a equipe que ficaria encarregada daí pra frente por quatro meses, que ninguém sabia que era quatro meses, não sabia quanto tempo, mas era um operação continua, não foi um fato, vou lá vou olhar e vou voltar. Foram quatro meses de, dia a dia, noites inteiras observando, vigílias, olhando o céu e perseguindo as informações que eram dadas; ‘apareceu em tal lugar’, a equipe se deslocava para tal lugar, ai depois, num certo tempo agente já tinha uma idéia mais ou menos, das probabilidades de surgimentos, desses, desses, dessas luzes, dessas coisas que estavam ocorrendo. E o resto era entrevistar o pessoal, vê em loco.”

A partir das informação prestada por Hollanda à respeito do que foi produzido nesses quatro meses de operação, podemos contrapor a documentação liberada pela FAB e reunida pelos pesquisadores da ufologia com a que ele declarou em entrevista. Marcos Petit pergunta a Hollanda a respeito de quantas fotos ele conseguiu reunir:

“Bom, fotografia mais de quinhentas, bem mais de quinhentas fotografias,mas numa faixa de quinhentas (...) numa caixa, guardado, esses negativos, com muito cuidado, tá. Em filme foram feitos quatro: um era da força aérea, da FAB, tá, foi mandado para trazer esse filme de Brasília para mim, para que fosse feito esse filme, tá, e três filmes outros foram feitos e eram meus, eu comprei e mandei colocar na máquina para que fosse feito esse filme, esses filmes foram, depois que o relatório foi mandado para Brasília, tempos depois eles mandaram pedir os negativos, filmes, mais as fotografias, e os filmes, que nós tínhamos feito na filmadora, o que tinha sido filmado. Tudo foi encaminhado, foi entregue ao comandante, de lá encaminhado ao Comando em Brasília e eu não sei realmente aonde está. Não sei. Eu nunca mais ouvi falar dos meus filmes, eu até brincava, as vezes quando entrava em contato, ‘Cadê meus filmes?’ a, tá guardado”.

Não é tão fácil saber por que o governo brasileiro resolveu liberar arquivos secretos. Mas podemos supor que alguns dados contribuem para essa atitude: o Brasil, em 2005, cumpria quase vinte anos de democracia; o movimento dos pesquisadores ufólogos criou a campanha “Ufos, liberdade de informação já”, que reuniu a coleta de assinaturas e a publicação de um manifesto da ufologia brasileira em que reivindicam a liberação dos documentos.²¹ Como foi sugerido anteriormente, o movimento dos ufólogos ganhou o apoio de militares, particularmente do brigadeiro José Carlos Pereira que foi responsável por re-organizar esses arquivos quando chefiava o Condabra.

²¹ A maior parte dos documentos liberados estão disponíveis na internet, assim como o manifesto da ufologia brasileira: www.fenomenum.com.br e www.ufo.com.br.

Segundo Carlos Mendes, Jornalista do *Estado do Pará* que cobriu o evento na época, Uyrânge foi “testemunha como comandante da principal operação de pesquisa ufológica já feita no país. Coisas estranhas aconteceram e a força aérea não quis revelar.” Somente vinte anos após a operação Uyrânge concordou em falar, pois já estava na reserva. No entanto, os documentos que ele produziu nos anos 70 vieram ao público quase trinta anos depois. Isso sugere que o governo brasileiro ainda mantém muitas reservas acerca de qualquer material que, seguindo as palavras de Wilson Geraldo Oliveira, “possa comprometer o *status quo* de um modelo de compreensão da realidade”.

Marcos Petit acredita que uma das partes mais importantes da entrevista é a descrição das várias naves que encontrou, algumas delas com “mais de cem metros de diâmetro e de vários formatos; (Uyrânge) presenciou acontecimentos que poucas pessoas tiveram a oportunidade de acompanhar”. Seu primeiro encontro é narrado da seguinte forma:

“Tava em cima de nós um objeto muito grande, acredito que uns trinta metros de diâmetro, de forma discóide; nós ficamos olhando, estupefatos, assustados, parado em cima da gente duzentos metros de altura (...) O que eu vi não tinha me satisfeito até aquele momento. Dali pra frente não tinha mais dúvida nenhuma. (...) Os agentes brincavam muito comigo, ‘e agora chefe, é e agora?’, não é que você ganharam não, vocês não ganharam, eu cheguei a me convencer. Tá. Porque vocês sempre estiveram certos, vocês chegaram antes de mim na operação, e viram coisas que eu não tinha visto, o que eu vi não tinha me satisfeito até aquele momento”.

Parte da pesquisa de Hollanda consistia em acompanhar as informações dadas pelos moradores locais. Hollanda e sua equipe estiveram a caminho de um lugar onde um morador relata ter avistado um óvni enquanto caçava:

“Nós tivemos a oportunidade de chegar em uma pessoa que havia testemunhado um avistamento impressionante, os agentes haviam entrado pra tomar um café e comer umas bolachas, alguma coisa lá, antes de entrar no mato pra gente ir pra missão, e eu como chefe da missão não podia me dar a essas mordomias; fiquei olhando fora, pra ver o ambiente (...) Tinha uma luz muito forte, verde e vermelha, fazia barulho como se fosse de uma turbina, como se fosse de um jato, era um silvo, um barulho assim; e ele mergulhou em cima na casa onde nós estávamos. Nenhum piloto faria uma coisa dessa, isso é morte certa.”

Oficial e piloto da FAB, Hollanda sabia muito bem os limites da tecnologia que era familiar. Os óvnis jamais poderiam ser aeronaves militares que eram familiares a ele. O coronel Hollanda revela que a própria energia que irradiava através dos óvnis resultou na morte de uma pessoa que estava num barco que foi sobrevoado por um desses

objetos. No documentário da Rede Globo ele diz “Na ilha dos Caranguejos houve uma, o sobrevôo de uma embarcação, houve morte, de um pescador, os pescadores ficaram queimados pela radiação dessa, dessa, dessa energia que movia essa nave, um deles morreu.”

Os muitos casos de queimaduras que causavam o real pânico na população de Colares e cercania faziam suspeitar uma possível intencionalidade hostil por parte dos óvnis. Quando os ufólogos pediram uma explicação de Hollanda a respeito dessa suposta hostilidade, ele responde:

“(...) os nossos, os habitantes nativos, que atiravam, atiravam com arma, jogavam foguete, estes foguetes de São João, eles que reagiam de forma agressiva. Deles nunca, a própria, os próprios relatos diziam que viam seres que eles apontaram era uma, uma, como se fosse essa pistola de sinalização, de vacinação; eles apontavam primeiro um raio verde, a pessoa ficava meio adormecida, meia amortecida, dormente, e logo em seguida o raio vermelho, esses seres nunca fizeram mais do que isso, nunca fizeram nada; mesmo nas pessoas que apontavam armas.”

Em seguida, Uyrânge relata um caso exemplar que revela uma profunda assimetria da dimensão bélica e tecnológica que caracterizou a alteridade em questão, ao narrar o momento em que um morador chegou a apontar com uma espingarda a um óvni:

“(...) teve um relato de um marceneiro, um senhor de idade, que ia sendo focado por uma nave dessa, ele apontou uma arma ela respondeu com uma luz, ele ficou dormente sem mobilidade por uns quinze dias, ele não conseguia andar; mas não foi, não tinha, sido alvejado por nenhum projétil, não foi, não houve nenhuma agressão, não ficou nenhuma marca, somente um choque, de uma energia mais forte, para que ele não conseguisse, é, o objetivo dele que era atirar, eles paralisaram, a pessoa, através de uma luz que soltava uma energia que ninguém sabe o que é.”

Na intimidade do contato entre óvnis e humanos, o maior vestígio visível era uma marca, uma pequena queimadura. A preferência pelas mulheres e pela região do seio esquerdo era uma característica marcante, um fato observado pelos jornais da época que escreviam “vampiros interplanetários preferem mulheres”. Uyrânge destaca:

“Esse objeto, essa luz, essa incidência vinha nas mulheres, preferentemente nas mulheres, no seio esquerdo e marcava, ficava uma queimadura, no lugar e marca como se fosse furada de agulha, um pontinho, dois pontinhos, e eles diziam que eles estavam sugando, tavam chupando o sangue das pessoas tá, e viro o “chupa chupa”, chupando o sangue, “chupa chupa”. Era um nome engraçado, esquisito, mas foi isso que os nativos deram para essa aparição.”

A meticulosidade da pesquisa de Hollanda em seguir as pistas dadas pelos moradores da região, acrescida pelo contato que teve com os oficiais militares de sua

equipe, fez com que o relatório apresenta-se vários detalhes e mapas dos percursos que traçados pelos óvnis, além da atuação desses junto à população paraense, segundo as inúmeras agências registradas sobre o impacto do “foco”: as pessoas estavam sujeitas a serem perseguidas e queimadas, mesmo que sem a “hostilidade” do jeito como a entendemos e como sugere Holanda.

Uyrânge não estava aquém dessa sujeição. Um dos momentos mais interessantes da entrevista concedida aos editores da UFO, o coronel Uyrânge Holanda descreve um encontro chocante e que em suas palavras “foi muito esquisito”. Ele falou aos ufólogos que foi visitado por um humanóide de uma das naves enquanto dormia. No documentário do *History Channel* ele diz:

“Estava deitado na cama e de repente o clarão iluminou todo o quarto, fiquei muito assustado, ouvi um barulho estranho e imediatamente depois apareceu um ser atrás de mim me agarrando, foi uma situação muito estranha, tinha mais ou menos um metro e meio, vestia um traje semelhante a de um astronauta, ou de mergulhador, a roupa era larga, não era colada ao corpo, eu cheguei a ver seu rosto, usava uma máscara cinza, e não pude ver os detalhes, não pude ver seus olhos ou qualquer outra coisa.”

Em determinado momento, o hominídeo estabeleceu diálogo com Uyrânge, antes de desaparecer:

“Eu estava muito assustado e aquele bicho atrás me abraçando e falou no meu ouvido em português, com a voz robotizada como a de um computador, uma voz de computador metalizada, “fique calmo, não iremos machucá-lo, não vamos te fazer nenhum mal.”

Na sequência da entrevista Uyrânge relata que o hominídeo deixara uma marca em seu antebraço direito, uma espécie de implante, um tipo de material sensível ao tato mas que não se revelou no exame de raio x. “É flexível como plástico, aqui você aperta e ele aparece “foi feito um raio x?” (pergunta Marcos Petit). Sim mas não mostrou nada”.

Essa atenção especial que Uyrânge Holanda recebera por parte dos alienígenas que atuavam em Colares é uma das partes mais ousadas de seu relato, tanto que o documentário produzido pela revista UFO sobre a Operação Prato não incluiu essa parte da conversa, tampouco a Rede Globo o fez. Somente o *History Channel* incluiu o relato do hominídeo. Esse mesmo ser foi desenhado por Uyrânge Holanda como exposto no capítulo 2.

Quando foi questionados pelos pesquisadores ufólogos sobre as possíveis intenções dos óvnis que atuavam sobre a população paraense, Uyrânge responde

tentando colocar-se no lugar de tais alienígenas, favorecido pela experiência que teve com os índios da selva amazônica. Uyrânge estabeleceu diálogo informal com diversos pesquisadores nacionais e internacionais que vieram estudar o incidente em Colares e cercania, momento em que expôs o que acreditava sobre a possível intenção desses seres:

“(...) eu já tinha intuído uma, uma solução, uma, formado uma idéia a respeito do que, o que que eu faria se tivesse no lugar deles, por que que eles estavam fazendo aquilo, como eu te disse, eu fui oficial de operações especiais de selva, fiz muita operação de selva, e agente tinha muito cuidado, e eu tinha muito cuidado de chegar, me aproximar de um agrupamento indígena, e sem querer, eu transmitir a eles, doenças que eu portava e que estavam perfeitamente equilibradas em meu corpo, eu tinha anticorpos que mantinham sobre controle essa doença, todos nós temos, é, é, varíola, sarampo, catapora, difteria, tuberculose, gripe, gripa pra eles é um negócio que mata, e eu tinha muito cuidado, na minha aproximação, por que eu involuntariamente, tivesse colocando naquela população indígena, algum veículo transmissor de doença, eu tinha muito essa preocupação, da mesma forma eu raciocinei que eles também tivessem esse cuidado, de se precaver, de um contato necessário futuro; isso prevê que futuramente teriam um contato, ou terão um contato, aberto, franco, aproximado, sem nenhum problema mais nenhum. Eu, se fosse eles faria a mesma coisa, eu coletaria material pra conseguir uma forma de me proteger, inserir no meu corpo aqueles anticorpos, desenvolver uma coisa de forma sorológica, que eu pudesse proteger meu corpo do contato conosco. E isso aí foi passado pro Rafael Sempere Durá que achou que era a idéia mais lógica, a mais perfeita explicação que ele tinha obtido, que ele tinha daquele fato era o que eu estava passando para ele naquele momento. A mesma idéia Bob Prat, que conversando com Jacques Valée ele disse, a coisa mais lógica realmente é essa sua idéia.”

Uyrânge Hollanda, um oficial de operação de selva, se coloca no lugar dos índios para tentar chegar em alguma explicação sobre o motivo do contato. A relação ocidentais-índios é a experiência que ele evoca para tentar explicar a relação alienígenas-ocidentais. A lógica é invertida. São os alienígenas, portadores de uma tecnologia superior, que se protegem do contato com os humanos, coletando material e produzindo vacinas: ele se preparam para se protegerem de nossas doenças. Se os ocidentais podem levar doença aos índios, a espécie humana pode levar doenças aos alienígenas.

O desconforto que o alienígena trás às mentes científicas dos ocidente é algo já relatado por Jayme Aranha, quando expõe o *status* que o alienígena recebe quando imaginado pelos cientistas do projeto Seti. Eles desafiam o ocidente quando este se coloca como o pináculo da realização humana. No mito de cunho evolucionista evocado pelo projeto Seti o alienígena é o *duplo do tempo* do ocidente. Nesse mito, um dia eles se encontram, momento em que o ocidente se vê desafiado por um “adversário” de peso.

Naturalmente, para os pesquisadores que estudaram o incidente em Colares, Uyrânge era uma testemunha chave: convocado pelo Estado em missão oficial, sua equipe tentou acalmar uma população em pânico, ao passo que produziu um relatório vasto que relatava em minúcias o que ocorria com essa população. Por isso, a sugestão de Hollanda para tentar explicar a provável intenção desses alienígenas foi levada em conta por diversos pesquisadores da ufologia que entraram em contato com ele, considerando assim a hipótese de coleta de material humano como a mais razoável.

Comparando as informações presente no relatório da Operação Prato (produzido em 1977 e liberado em parte em 2007) com a entrevista de Hollanda (1996), narrativas separadas por quase vinte anos, notamos certa coerência temática — aquilo que os documentos relatam, Uyrânge apenas detalhou na entrevista, acrescentando outros dados à mais. Uyrânge disse ainda que “na época (durante a operação) tudo que eu dissesse soaria como oficial”.

Como oficial chefe da Operação Prato, Uyrânge fez o que normalmente se faz — tentou “controlar” a situação. Por mais que evitasse falar, pois tudo soaria como oficial, e por mais que ele tentara convencer a Dr. Wellayde, a única médica da região, a dizer à imprensa que seus pacientes estavam sofrendo uma histeria coletiva, (sem êxito nenhum pois Wellayde manteve uma atitude respeitosa com seus pacientes), Uyrânge não pôde evitar que a maioria da população tivesse contato visual com os óvnis. Em face desse descontrole, Uyrânge diz:

“um dia nós estávamos, parados lá esperando chegar alguns amigos, que queriam, amigos militares, que queriam saber como que tava a operação, que na verdade, não era proibido por que todo mundo tava vendo, a população tava vendo, eu vou proibir algum companheiro de estar conosco, se outros da população lá também viam?”

Dada a facilidade com que tantas pessoas viam os óvnis e outras tantas eram coagidas por estes, Uyrangê não foi uma exceção: pode, além de presenciar várias dessas naves, entrar em contato com um hominídeo semelhante aos que os nativos relatavam, só que dessa vez este se apresentou inesperadamente enquanto Uyrânge dormia; o alienígena estabeleceu uma fala, dando a entender que “não haveria nenhum mal”, somente a imposição de um implante em seu braço, como foi perceber depois.

Hollanda cometeu suicídio três meses após a entrevista dada aos ufólogos. Segundo o brigadeiro José Carlos Pereira, que o conheceu pessoalmente, a depressão de Hollanda pode ter sido agravada pelo sentimento de missão não cumprida, versão mantida pelos pesquisadores que o entrevistaram. No entanto, Ubiratan Pinón Frías, co-

piloto da Operação Prato na época, sustenta outra opinião a respeito da morte de Hollanda e tece declarações a respeito das possibilidades de alteridade que o evento em Colares nos apresenta ainda hoje:

“Pode todo mundo dizer que o Hollanda praticou suicídio, eu não vou acreditar em suicídio de jeito nenhum e acredito que, por um motivo qualquer, acontece algo às pessoas que vão além de seus conhecimentos, ou falam algo que não estão autorizados a falar (...) O que acontece é que eles nunca se afastaram daqui, até hoje eles continuam aparecendo, acredito muito que eles estão entre nós, vivendo igual à nós, alguns deles, procurando uma maneira de nos conhecer melhor. Você não sabe que a pessoas com quem você está conversando é um alienígena ou não.”

- **Exopolítica**

O conceito da exopolítica transforma as campanhas de grupos que discutem o fenômeno óvnis em um movimento que pretende praticar uma política exterior aberta e clara no contato entre civilizações, centrada no estudo, planejamento e diplomacia nas relações com seres extraterrestres. A exopolítica também denuncia uma outra exopolítica já existente, praticada por grupos paragovernamentais aliados ao complexo industrial militar, que se empenham em dispor-se da tecnologia alienígena para fins manipulativos e de controle social.

Nesse sentido, as suposições de Uyrânge encontram suas fronteiras expandidas a partir dos discursos evocado por militares norte-americanos organizados num projeto conhecido como *Disclosure Project* – movimento que reúne centenas de testemunhos de militares de diversas patentes. Esses inúmeros “Uyrânges” são militares que se envolveram em programas e projetos especiais da instituição militar. Um dos objetos desse movimento de militares e civis é de o de abrir o dialogo governamental em relação à presença alienígena na Terra.

Dirigido pelo Dr. Steven Gerrer, que foi médico e ex-diretor de hospitais, o *Disclosure Project* organizou uma conferência em nove de maio de 2001 em Washington no National Press Club, local consagrado para eventos políticos na capital dos EUA. Uma conferencia como qualquer outra, várias pessoas sentadas, a imprensa presente e muitas câmeras. Na tribuna, vinte testemunhos que vão contar suas histórias.



Steven Greer:

“Estamos aqui hoje para desclassificar a verdade sobre um assunto que tem sido ridicularizado, questionado e negado por pelo menos cinquenta anos. Os homens e mulheres que estão aqui na tribuna e além dos mais de trezentos que estão conosco dentre eles, militares e agentes de inteligência, testemunhas do tão conhecido assunto UFO e Inteligência Alien, que podem provar e provarão que não estamos sós...”²²

Segundo Steven Greer, em 1993, ele e um grupo de assessores desse projeto, após uma reunião, concluíram que já era hora dos civis, agentes secretos, militares e outros, virem juntos revelar a verdade sobre o assunto dos óvnis. Diz também que trabalhou num relatório que foi revisado pelo diretor da CIA na época de Bill Clinton, James Woolsey, além de relatar pessoalmente membros do comitê de inteligência do senado e outros membros do congresso, assim como membros dos grupos dos líderes europeus e a do governo japonês. Steven afirma que nesses encontros ninguém ficou surpreso de que isso seja verdade, mas mostraram-se horrorizados por não terem tido acesso a esses projetos secretos.

“Podemos demonstrar através dessas testemunhas que identificamos que agora superam os quatrocentos e todas elas são pessoas que estiveram dentro da CIA, NSA, NRO, Forças Aéreas, Marinha, Marines, Exército, todas as divisões de inteligência e do exército bem como testemunhas de corporações contratadas pelo Governo, todas essas pessoas estiveram envolvidas em *black projects*, ou projetos não reconhecidos ou encobertos.”

Segundo Steven Greer, o acesso a esses projetos secretos, que não passam pelo crivo do congresso norte-americano, levaram pelo menos entre quarenta a oitenta bilhões de dólares por ano e se baseiam em tecnologias que podem mudar o mundo para sempre.

²² A conferencia na íntegra está disponível em www.disclosure.com e será a fonte de toda referência de transcrição da fala dos participantes.

“O motivo pelo qual estamos dando esse passo agora é porque estamos solicitando ao congresso dos Estados Unidos e ao presidente Bush para que permitam uma investigação formal e a desclassificação do assunto, que tem as mais profundas implicações para o futuro da humanidade para a segurança nacional do USA e para a paz no mundo especificamente na tecnologia conectada a Ufos e veículos extraterrestre.”

Segundo Steven, os esforços resultantes da pesquisa de *black projectis* em reconstruir naves alienígenas colididas, empenhos de engenharia reversa altamente financiados, proporcionaram a construção de naves idênticas às naves alienígenas. São tecnologias que se baseiam em sistema de propulsão anti-gravitacional e que, segundo Steven, devem ser revelados e popularizados, a fim de encerrar uma auto-destruição latente de *stress* ambiental ²³. Steven sugere ainda que deve-se criar um debate em comum com a sociedade sobre a questão referente ao uso de armas no espaço e faz um retrospecto do envolvimento militar em relação à presença alienígena e as questões mais graves que esse relacionamento impõe

“Se for revelada e usada para fins pacifistas de energia, tanto para geração de energia como de propulsão, resolveria a iminente crise energética de forma definitiva e acabaria com o aquecimento global corrigindo os desafios ambientais que a Terra enfrenta. Também é crítico que comecemos um debate como sociedade se é apropriado colocar armas no espaço. E tem mais, podemos provar que tudo isso é verdade, de que não estamos sós e esse espaço é um território que estamos compartilhando com outras civilizações e poderia ser muito imprudente e desestabilizador colocar armas no espaço. Isso não está sendo debatido porque está fora do mecanismo de controle nacional e internacional. E isso precisa ser corrigido e estamos aqui justamente para isso. Que esses objetos aterrissaram na Terra e por vezes foram desmontados especificamente por equipes dentro dos EUA que formas de vida extraterrestres foram recuperadas e veículos foram recuperados e estudados pelo menos durante os últimos cinquenta anos. Podemos provar por testemunhas e documentos que vamos apresentar, que esse assunto tem sido ocultado aos membros do congresso e que pelo menos em duas administrações, pelo que nós sabemos, em duas administrações presidenciais, que a constituição dos Estados Unidos foi subvertida pelo poder crescente desses projetos secretos e isto sim é que é perigoso para a segurança nacional.”

Assim como Uyrânge Hollanda pode constatar a não hostilidade por parte dos óvnis que atuaram em Colares, Steven Greer, contando agora com as centenas de

²³ A exemplo disso, temos o relato do major da reserva Phill Corso que escreveu o livro *The Day After Rosewell*, em que narra sua experiência no caso de Rosewell em 1947, quando veículos foram capturados, assim como corpos de alienígenas. Phill Corso é um militar veterano que atuou na Europa ocidental e no pentágono sendo possuidor de chaves de segurança *top secret*. Neste livro, ele revela, através de seu contato com projetos secretos, que além do sistema de propulsão anti-gravitacional, algumas tecnologias provenientes da engenharia reversa de veículos alienígenas caídos se popularizaram, a exemplo: o transistor, o microchip, o raio-lazer e a fibra óptica.

narrativas que reuniu, também alega que os óvnis já se mostram não hostis, mas preocupados com a nossa hostilidade, uma análise semelhante à de Jung. Ele refere-se ao relato de militares que presenciaram os óvnis desativando temporariamente ogivas nucleares, sem que essas pudessem ser reparadas, devido estarem em “perfeitas condições”, voltando ao normal sem o controle “humano”:

“Não há evidências, e gostaria de enfatizar, de que essas formas de vida de outros lugares sejam hostis mas há uma grande evidencia de que elas sim estão preocupadas com nossa hostilidade. Houve vezes em que eles neutralizaram ou desativaram nossa capacidade de lançar mísseis intercontinentais, testemunhos aqui hoje descreverão esses eventos a vocês. Mostraram que claramente não querem que desenvolvamos armas no espaço, embora estivemos insistindo por esse caminho e vamos demonstrar que esses projetos, por causa de não serem supervisionados adequadamente pelo congresso, ou pelo presidente dos EUA, ou pela comunidade internacional, acabaram se convertendo uma ameaça para a segurança nacional e por essa razão nos sentimos que temos o dever de revelar os fatos.”

A seguir, Steven relata os objetivos e metas de sua campanha expostos em um memorando enviado ao então presidente:

“Que abriremos audiências honestas sobre o assunto no Congresso. Que deve ser terminantemente proibido a colocação de armas no espaço e a fixação como alvo a qualquer objeto de origem extraterrestre. Que deve ser feito um estudo completo das tecnologias secretas relacionada ao assunto para ver como podem ser apropriadamente serem desclassificadas e aplicadas para a geração pacífica de energia, para que o mundo possa abandonar os combustíveis fósseis a tempo suficiente para grandes danos ao ecossistema ou alguma guerra sob o pretexto de crise energética que com certeza será uma barreira para a Terra na próxima década.(...) Isso é um assunto de máxima importância que tem sido ridicularizado? Sim. Eu sei que na mídia tem um povo que adora falar dos homenzinhos verdes. Mas na realidade isso deveria ser deixado de lado porque esse assunto é muito sério. Eu vi grandes homens que chegaram a chorar... e que estavam no Pentágono e que são membros do Congresso e que disseram para mim: o que vamos fazer? Aqui está o que vamos fazer. Queremos ver esse assunto ser desclassificado apropriadamente e essas corajosas testemunhas os primeiros 21 dos mais de 100 que temos registrados em vídeo tape, que deram o primeiro passo para contar a verdade.”

Steve Greer sugere que estamos enfrentando o desafio de encontrar uma produção industrial e tecnológica que se dedica a estudar a tecnologia alienígenas à décadas, dispondo-se, inclusive de réplicas de naves alienígenas e que muitos dos óvnis que são vistos, são terráqueos e humanos. Explica que esse desafio é oferecido pelo complexo industrial militar, altamente compartimentado e cheio de restrições em que o próprio presidente da nação não possui todas as chaves de “segurança” para acessar tais projetos.

Segundo esse relato, o representante máximo não tem autoridade sobre seus subordinados.

“Agora, eu espero que tenhamos pessoas céticas, mas não irracionais. Porque esses homens e mulheres que deram o passo têm credenciais. Podem provar quem elas são, as primeiras testemunhas dos mais importante evento da raça humana. E respondem por mim, homens que estão aqui e que já estiveram encarregados da gestão de armas nucleares dos EUA. A palavra deles eram de total confiança para a segurança nacional, e devemos confiar na palavra deles agora também. Tal como o monsenhor Balducci disse no Vaticano em uma entrevista que tive com ele recentemente “é irracional não aceitar o testemunho dessas testemunhas”. Então por favor sejam céticos mas isso não significa o mesmo que preconceituoso e de mente fechada. Este é um assunto de grande importância e eu peço a mídia, à comunidade científica e à comunidade política para olhar com seriedade ao problema e que façam a coisa certa pela humanidade e por nossas crianças.”

Com essas palavras iniciais, Steven Greer abre espaço para os militares fazerem seu depoimento, enfatizando sua reputações de homens íntegros, que muitas vezes relutavam em estudar o fenômeno óvnis mas acabaram por se envolver com eventos dessa natureza e assim foram obrigados a reconsiderar aquilo que defendiam

Clifford Stone apresenta-se como sargento de primeira classe no exército dos EUA tendo também uma autorização de segurança máxima para assuntos nucleares. Disse que esteve envolvido em recuperação de naves e discos “(...) que para usar um melhor termos, dos restos deles, haviam alguns corpos também envolvidos com alguns desses acidentes, e também alguns sobreviventes.” Relata que em 1969, quando estava na baseado em Fort Lee, Virgínia, teve seu primeiro envolvimento com a recuperação de uma nave, sendo que se envolveu em outros doze eventos dessa natureza, afirmando a raridade em que acontece:

“Sei que não estamos sozinhos no universo e sei que a ausência de provas não é prova de ausência, é evidência do que está sendo negado ao povo Americano. Eu, em pessoa, me apresento hoje diante de vocês para dizer isso: se o congresso requerer minha presença e me pedir – testifica em todos os detalhes o que você sabe, estarei preparado para esse dia justamente para fazer isso. Os governos nunca deviam mentir ao povo por razão nenhuma, obrigado.”

Marck MacCandlish diz que a vinte anos trabalha como artista conceitual em diferentes contratos militares. Relata que trabalhou em diversos projetos de aeronaves supersônicas e modelos aeroespaciais. Diz que foi testemunha por telescópio de óvnis sobrevoando uma instalação de armazenamento nuclear que permaneceram por volta de dez minutos e foram embora em uma velocidade semelhante a de um rifle automático:

“Em novembro de 1988, um colega de faculdade, Brad Soreson, me relatou que ele pessoalmente foi testemunha de três óvnis em um hangar bem grande na base da Força Aérea em Norton, durante o decorrer de uma exposição que aconteceu no sábado de 12 de novembro de 1988. Subsequentemente liguei para o congressista de meu distrito, telefonei para o escritório do congressista George E. Brown Junior

que naquela época era o presidente do Comitê do Congresso para Ciência Espacial e Tecnologia (...) Um membro da equipe da oficina do congressista Brown, não só confirma a exibição mas que de fato três discos foram expostos que flutuaram por cima do chão sem nenhum meio e suporte visível, e se referiu a eles como reprodução de veículos alienígenas, também apelidados de *Flux Liner*, por que utilizam energia de alta voltagem.”

Disse que em seguida passou a pesquisar esse tipo de veículo entre um “vasto numero de documentos desclassificados das Forças Aéreas”, incluindo documentos da Nasa mostra aeronaves de formas esféricas e convexas e que também teve acesso ao uma cópia de um memorando do escritório da Hercules Aerospace, que descreve:

“(...)o particular tipo de ciência envolvendo a chamada energia do ponto zero, e ondas escalares, que de acordo com Brad Sorenson, é a base para essa tecnologia de sistemas de propulsão anti-gravitacional. Esse documento em particular, descreve reuniões secretas envolvendo o Escritório de Inteligência em cooperação de esforços com a comunidade científica russa, na pesquisa do que chamamos de tecnologias incapacitadas fundamentalmente que originalmente foi descoberta por Nikola Tesla, em meados do século 19 e início do século 20. De qualquer forma posso fornecer a vocês muito mais detalhes, mas tarde e estou preparado para testemunhar em detalhe a respeito desses eventos, na íntegra diante do congresso, muito obrigado.”

O sargento de primeira classe John Maynard, agora na reserva do exército, trabalhou durante vinte e um anos com autorização de segurança máxima e outras que lhe deram acesso a documentos secretos. Diz que administrava um escritório em que tudo necessariamente tinha que passar pelas suas mãos e que tinha que assinar muitos documentos, fato que fez com que ele verificasse milhares de documentos. Diz que possui grande conhecimento do conteúdo desses documentos:

(...) e acreditem-me, há muitas e diferentes referencias a óvnis, e também fotos do NIPC, que mostram inteiramente os objetos. Eu trabalhei em vários escritórios de uma, não, duas áreas ali, então a todo momento em recebia fotos para verificação sobre desativação de armas nucleares, e haviam alguns desses objetos naquelas fotos, e que estavam já em poder deles há muito tempo. A segunda coisa que ocorria frequentemente é sobre os fatos que muitas pessoas chamam de conspirações, de um governo das sombras, eu testemunharei diante do congresso, que essas *black operations* realmente existem, e eu quase fiz parte delas, mas eu vi a luz, eu acho, e tive uma chance e caí fora, e é isso. Temos que revelar tudo o que sabemos, e eu darei meu testemunho diante do congresso sob juramento, ou diante de qualquer outra organização, de que o que eu testemunhei é verdade.

A professora Carol Rosin narra que quando foi apresentada a Werner von Braun, o projetor de foguetes da Nasa, logo no seu primeiro encontro, que durou mais de três horas, eles tiveram uma conversa que ela narra da seguinte maneira:

“‘Carol, você tem que parar com a armamentização no espaço’, e disse bem, você sabe que os professores não podem parar até junho e ele disse: ‘não, você tem que

entender, estamos em fevereiro e devemos fazer prevenção quanto a armamentização no espaço porque eles tem mentido a todos nós – que a armamentização do espaço é em primeiro lugar baseado no malévolo império dos russos, há muitos inimigos para servir de motivo para criar uma barreira destes sistemas no espaço, e os primeiros inimigos falarão que são os russos’, isso naquele tempo, ‘então depois serão os terroristas e as nações do terceiro mundo, que agora chamamos de nações preocupantes, ou nações problemáticas, e depois serão asteróides’ e então ele repetiu para mim, uma e outra vez, ‘a última carta, a última carta será a ameaça extraterrestre’. Bem, eu pude rir quando ele disse asteróides, mas quando ele disse extraterrestres sabia que não poderia lidar com isto (...).”

Ela sugere que existem várias iniciativas que tentam justificar os trilhões de dólares que são gastos em sistemas de defesa espacial que, segundo Werner von Braun, não protegeriam ninguém frente às inúmeras armas existentes, como as armas químicas e biológicas que fazem do sistema de defesa aeroespacial algo obsoleto.

Num tom de urgência, Carol Rosin declara o desabafo de Werner von Braun, também conhecido como o “pai dos foguetes”, sobre a existência de réplicas de tecnologias alienígenas construídas por humanos ligados a *black projects*, que além de possuírem naves, possuem armas espaciais tornando-os capazes de criar uma “realidade” de falsa guerra contra óvnis, sendo que esses serão de fato terráqueos e pilotados por humanos, orquestrados por um plano de imposição de um super governo fascista global através de um esforço de guerra e de falsa guerra. Segundo Carol, von Braun lhe disse “Você verá que haverá uma reviravolta para encontrar um inimigo contra o qual será necessário construir as armas espaciais”.

Reitera que devemos esperar por esses acontecimentos por que “faz parte da fórmula” de uma comunidade de inteligência que já pode possuir essas armas e toda tecnologia envolvida em naves espaciais, tornando-os capazes de criar um contexto baseado na mentira:

“ (...), e eu testificarei diante do congresso que tudo que encontrei no Instituto de Segurança e Cooperação no Espaço que fechei há alguns anos atrás por que achei que não tínhamos chance contra esse enorme e integrado, ao redor do mundo, complexo sistema de armas, que não teríamos nenhuma chance de transformar essa guerra industrial em indústria espacial, que pudesse proporcionar os benefícios que o Dr. Greer mencionou, de acabar com o aquecimento global, (...) com a crise energética, podemos construir uma tecnologia não poluente agora. Werner von Braun costumava dizer, que podemos construir carros, que podiam ser dirigidos acima do chão, ele descreveu tudo isso para mim sobre raios, e assim não teríamos poluição nessa planeta, e poderíamos resolver os problemas urgentes e potenciais para as pessoas e animais e às outras culturas dentro e sobre o espaço e acabar com a corrida armamentista, sem deslocar postos de trabalho, sem prejudicar a economia, transformando, segundo von Braun, a indústria da guerra em indústria espacial e global cooperativa, e até proveríamos mais postos de trabalho, finalmente mais ganhos que nunca nesse planeta, mas serviços e

produtos que possam ser aplicados diretamente, para resolver os problemas dessa planeta, e poderíamos ter o planeta inteiro vivendo em paz sobre a Terra entre todas as culturas da Terra e do espaço e estas são as palavras que von Braun me disse em 1974, e testemunharei diante do congresso sob juramento tudo isso que disse e muito mais, obrigado”.

Com essas palavras Carol Rosin termina a exposição dos depoimentos e em seguida o debate é aberto para as perguntas da imprensa, sendo que o que mais me chama a atenção é a pergunta que fizeram a Clifford Stone: “Você disse que viu seres alienígenas dentro uma nave que colidiu, gostaria que descrevessem como ele se parece?”.

“(…) como eu declarei em 1999 eu tinha catalogado 57 espécies diferentes, e você tem indivíduos que se parecem bastante a você e a mim e que poderia andar entre nós sem que você sequer notasse a diferença a não ser por algumas coisas que são capazes de fazer, inclusive andar por uma sala escura e tocar objetos e inclusive saber a cor desse objeto, eles tem um grande sentido de olfato, visão, audição; a situação é que existe uma variedade considerada dos tipos que chamamos *greys*, mas que os militares não chamam e *greys*, mas que pelo menos existe três tipos de *greys*, existem uns que são mais altos do que nós..., a única coisa que gostaria de apontar é que essas entidades estão catalogadas e o fato de que eram humanóides, isso cria uma situação na comunidade científica de tentar entender por que são humanóides, por que se você parte do princípio que a vida evolui em outros planetas então você poderia ter outros tipos de seres esperados, e não necessariamente humanóides, ou bípedes, como nós somos, mas, aparentemente pegamos umas quantas espécies assim ai fora, que são humanóides na aparência, e isso provoca um questionamento que ainda não foi respondido pela ciência.”

Paul Hellyer, ex-ministro da defesa do Canadá entre 1963 e 1967, e ex-primeiro-ministro da gestão de Pierre Trudeau, numa conferência em 2009 em Washington DC, diz que o real motivo de acobertamento sobre o assunto óvni por parte dos EUA é o seu envolvimento com tecnologias alienígenas. Paul Hellyer questiona a liberdade política dos cidadãos estadunidenses, ao afirmar que convivem sem saber da existência de um governo oculto.

“Algumas décadas atrás visitantes de outros planetas alertaram-nos sobre o ate onde chegamos e nos ofereceram ajuda. Mas nós, ou melhor, “alguns de nós”, interpretamos suas visitas como uma ameaça, e decidimos “primeiro atirar e depois perguntar”. O resultado inevitável foi alguns de nossos aviões foram perdidos. Mas quantos foram por “represálias” e quantos foram pela nossa estupidez é um ponto controverso. Eles, os militares, devem ter sido um tanto paranóicos, de achar necessário usar a tecnologia dos visitantes para combatê-los, em lugar de lhes dar boas vindas como aliados em direção ao progresso. Foram capazes de apoiar a alguns traidores e apoiá-los no que se pode descrever como uma “diabólico desenvolvimento”. Stephen Bassett, declarou que “falar de óvni já está obsoleto e que deveríamos falar de exopolítica”. Então Stephen, estou de acordo com você em teoria, mas na realidade temos um problema. Considerando que a política oficial os EUA reafirma que os óvnis não existem. O véu do segredo deve ser levantado e isso deve ser feito agora! Antes que seja tarde demais. É

irônico pensar que os EUA devam combater guerras monstruosamente custosas no Iraque e no Afeganistão, aparentemente para levar a democracia a estes dois países sendo que essa mesma democracia, legitimamente não pode ser chamada assim, visto que milhares de bilhões de dólares são gastos em projetos dos quais ambos, o Congresso e o chefe de Estado, são voluntariamente mantidos na obscuridade.”

Hellyer diz na conferência que “gostaria de estar de bom humor”, mas não está por que “nos dirigimos para a destruição de nosso planeta”. Ainda assim, ele sugere que o uso com fins pacíficos da tecnologia de energia limpa, que já se encontram na mão de grupos secretos, é capaz de resolver as causas desse problema. Discute ainda sobre o resultado das “febris atividades dirigidas por algumas das mentes mais brilhantes do EUA”, referindo-se a óvnis visualmente semelhantes e praticamente indistinguíveis. Ele pergunta: “o que se proporiam a fazer com esses objetos?” Segue a dizendo que aqueles que tem as repostas a dessas perguntas não querem dizê-las “nem aos secretários de defesa e nem a os presidentes.”

“Por que não estão no direito de acessar a tal conhecimento. Em um discurso relatado pelo Dr. Esteven Greer ao presidente Clinton, que foi questionado pela jornalista da Casa Branca, Sarah Mc Clendon, sobre “porque não tomou iniciativas pela divulgação da informação óvni?” E Clinton respondeu “Sarah, há um governo dentro do governo, e eu não tenho seu controle!”. Agora vocês devem desculpar-me: não pode o chefe do Estado, a mesma pessoas capaz de ativar a detonação nuclear, ter o direito de saber aquilo que seus subordinados estão fazendo?”

Segundo Hellyer, os cidadãos norte-americanos assim com as pessoas de todo o mundo precisam saber que esse tipo de coisa está ocorrendo agora e que “nossos descendentes estão ameaçados por um perigo mortal”, sugerindo a necessidade de verdadeira campanha política “pela vitória da transparência e da luz”. Em uma entrevista cedida em 2007 à CUB (Centro de Ufologia Brasileiro), Hellyer afirma que não restam dúvidas de que civilizações alienígenas mais avançadas tecnológica e eticamente estão visitando a Terra.

Paola Harris, responsável pela entrevista, pergunta a Hellyer: “O senhor tem levado a sério a existência dos discos voadores por que é uma questão de segurança nacional ou por que, como ser humano, tal fato mudou sua forma de encarar o mundo?”

“Ambas as coisas. É importante para os governos verem que a ação de outras raças cósmicas em nosso meio é uma questão pertinente à segurança nacional, como é ao cidadão comum ver que tal fato pode mudar completamente sua forma de encarar a existencia humana”

Em outro momento ela pergunta: ‘O senhor demonstra estar particularmente interessado no Caso Roswell. O que acha da política de acobertamento que até hoje o governo norte-americano aplica ao incidente?’

“Uma lástima. Eles, os militares dos EUA, acusam as pessoas que testemunharam o acidente de não terem credibilidade, afirmam que os investigadores do caso estão equivocados e ainda dão desculpas sem o menor sentido para explicar o fato. Estou convencido de que o governo dos Estados Unidos mantém um acobertamento sistemático do assunto, algo realmente meticuloso e que teve sucesso por cerca de meio século. Mas hoje isso não tem mais cabimento. Tal política de duas faces se encaixa na teoria de Lewis Lapham, a de que existem dois governos em ação. Creio que ela lhe seja familiar?”

Ela pergunta: “A do governo da sombra e o governo real?”

“Ou a do governo permanente e do governo provisório. Lapham diz que o governo permanente dos Estados Unidos tem uma lista com 500 empresas em Washington, que fazem seu trabalho legal, e as melhores companhias de relações públicas do país, que tratam de sua imagem e propaganda. São essas empresas que comandariam de fato os Estados Unidos e tratariam de estabelecer suas políticas, sempre com critérios bem definidos, que não incluem levar a sério a questão dos discos voadores. Até mesmo as eleições, que ocorrem para estabelecer quem irá ocupar as vagas no outro governo, o provisório, são operações de cartas marcadas, de fachada. Como político aposentado, me permito afirmar que em época de eleições eles pegam atores programados para ler textos previamente ensaiados, num palco bem definido e sem surpresas. Nada acontece de improviso, e tem sido assim há décadas. Tudo é estabelecido pelo tal governo permanente, ou real, para que se coloque em funcionamento o governo provisório, ou das sombras. Chamam isso de democracia, mas é pura besteira. O fato é que as regras estão lançadas há muito tempo e pouco se faz para mudá-las. Isso se aplica à questão ufológica, que vem sendo mantida distante da opinião pública há décadas, em sucessivos governos provisórios que se alternam no poder”.

No estudo da alteridade alienígena, Paul Hellyer é exemplo de um discurso político de alta credencial. Com a característica de fazer pesadas críticas, não só a política norte-americana, mas em especial essa população, dá mostras de que existem políticos e estadistas preocupados com a questão alienígena e com a conspiração em torno das tecnologias envolvidas.

Considerações finais

Em janeiro de 2011, ocorreu em Riadh na Arábia Saudita, o Fórum Global de Competitividade (GCF), evento que ocorre anualmente e que reuniu “mais de mil participantes, incluindo as elites políticas e de negócios, como s Primeiros Ministros britânico e canadense, Tony Blair e Jean Chretien; Jim Albaugh, o presidente da Boeng; Andy Bird diretor chefe da Walt Disney International; Jared Cohen, diretor da Google Idéias (...)”²⁴.

Pela primeira vez esse evento promoveu um painel de discussão sobre óvnis intitulado como “Aprendendo a Partir do Espaço Exterior”, apresentado por cinco pesquisadores que levaram ao GCF dados que confirmam a presença alienígena e que ela trará muitas implicações econômicas e políticas sendo que “é melhor que os líderes de negócios comecem a pensar sobre as implicações em negócios de vida extraterrestre e tecnologias”. Essa notícia bastante recente nós dá uma idéia de preparativos humanos em busca da exploração de tecnologia proveniente do contato alienígena e sugere que os líderes comerciais que conseguirem dispor dessa tecnologia serão os pioneiros de negócios promissores.

Além do caráter econômico, a suposição da guerra contra alienígenas sugerida nas levadas de filmes e seriados norte-americanos é uma posição enfatizada também por Stephen Hawkin, em que ele questiona as ações do projeto Seti da Nasa numa entrevista ao *Discovery Channel* em abril de 2010. Stephen declara na entrevista que os humanos deveriam “evitar qualquer contato com ETs”, porque as conseqüências poderiam ser “devastadoras”, sugerindo o perigo em se enviar mensagens para o espaço havendo a possibilidade de que os alienígenas sejam parecidos conosco e assim possam fazer o papel que Colombo o fez na devastação de civilizações. Paul Hellyer, assim como Steve Greer, manifestou desacordo com essa opinião, sabendo do poder das palavras de um astrofísico do peso de Hawkin, alegando inclusive, uma manobra de desinformação de sua parte.

A respeito da sugestão desse quadro conspiracionista/tecnológico/alienígena, vale lembrar um dos discursos que Ronald Reagan fez na ONU em setembro de 1987 em que ele menciona uma ameaça alienígena e o efeito unificador que ela teria sobre nós:

²⁴ Disponível em – <http://imprensado brasil.com.br/portal/?p=1998>

“Talvez precisemos de uma ameaça universal vinda de fora (...). Ocasionalmente imagino como rapidamente nossas diferenças *world wide* desapareceriam se enfrentássemos uma ameaça alienígena de fora desse mundo. E ainda assim eu pergunto: já não há uma força alienígena entre nós? O que poderia ser mais alienígena para as aspirações universais de nosso povo do que a guerra e a ameaça de guerra?”.²⁵

Para melhor ilustrar essa perspectiva recentemente a *Philosophical Transactions*, uma revista da Royal Society inglesa, publicou um artigo que afirma que a Organização das Nações Unidas (ONU) deve elaborar um plano de defesa contra extraterrestres. O artigo revela que os avanços das pesquisas de vida em outros planetas (exobiologia), que tem tido acesso à detecção de novos planetas capazes de sustentar microorganismos e bactérias, torna necessário um real preparativo para o encontro entre civilizações.

Seguindo a sugestão da Royal Society britânica, a astrofísica e atual diretora do Escritório Para o Espaço Exterior das Nações Unidas, Mazlan Othman, foi nomeada como embaixadora do espaço. Sua função é a de atuar como interlocutora na definição dos protocolos em resposta ao caso de entrarmos em contato. Mazlan foi entrevistada, em tom irônico, por diversos meios televisivos.

Segundo essas notícias, a ONU nomeou uma astrofísica para ser a “embaixadora” das nações da Terra. No entanto, a meu ver, o contato entre civilizações alienígenas é uma preocupação mais antropológica do que astrofísica. Essa posição também é sugerida por Ralph Blum e Judy Blum (1974: 222-3):

“Talvez o grande envolvimento dos cientistas físicos seja precipitado e deveríamos, em vez disso, estar estudando as pessoas que estiveram contato próximos com os Ufos. Essas pessoas são as evidências, e você não pode estudar as pessoas com um rádio telescópio. (...) O fenômeno UFO encurta o percurso dos limites étnicos e culturais, e aparentemente tem estado conosco de uma forma ou de outra, desde que o primeiro homem deixou registros nas paredes das cavernas. Se vier a ser um mito, miragem, ou o futuro da ciência, o fenômeno é parte do estudo característico do gênero humano, então talvez sejam os antropólogos que indicarão o caminho.”

Baseado em tais questões podemos ter uma noção mais atual do que se discute em relação a alteridade alienígena – ela se apresenta em inúmeras situações, sendo que uma delas é uma denuncia de uma “falsa guerra” contra os óvnis, em que estes serão conduzidos por humanos envolvidos em *black projects* que se apóiam na política de sigilo orquestrada principalmente pelo governo norte-americano.

²⁵ Segundo o documentário “*Out of The Blue*”, o presidente norte-americano Ronald Reagen discursou sobre a ameaça alienígena em cinco diferentes ocasiões na ONU.

O que se afirma é que os óvnis, ou parte deles, atuam como forças políticas terráqueas. Para Jacques Valée, são forças que atuam em busca de um controle social. À semelhança da análise de Aranha, que revelou que as mensagens enviadas pelo projeto Seti em busca de inteligências extraterrestres *foram produzidas para agirem simbolicamente em nós mesmos terráqueos*, afim de uma precária sensação de “controle”, os óvnis, ou parte deles, como sugerem os atores aqui citados, são forças “humanas” trajadas com máscaras “alienígenas”: mais uma vez, a mensagem é de nós para nós.

Tal alteridade se apresenta também, a exemplo do discurso de Stepehn Hawkin, com uma ênfase sobre a periculosidade do contato, incorrendo na crença de que “eles” podem ser parecidos com “nós”; alteridade essa que se revela econômico/tecnologicamente como uma oportunidade de negócio sem precedentes, incluindo aí a possibilidade de tecnologias que produzem energia infinita e limpa, engenho esse que já está em mãos de alguns grupos humanos que estudam a “engenharia reversa” da desconstrução de óvnis caídos, como vimos anteriormente.

Todas essas sugestões são ditas por militares na reserva, civis e pesquisadores da ufologia (*Disclosure*), assim como membros da comunidade política internacional e cientistas (Paul Hellyer, Stephen Hawkin, Ronald Reagen), que sugerem amplos contextos sobre a presença alienígena na Terra.

Apesar do pronunciamento de Ronald Reagen na ONU em setembro de 1987, o quadro exposto pelos militares do *Disclosure Project* e pelo ex-ministro da defesa do Canadá sugere os motivos pelo qual os óvnis sejam tabu e não existam oficialmente nos EUA. O Brasil, que manteve o sigilo durante muito tempo, em eventos pontuais pôde abrir oficialmente os arquivos relativos a extensas atividades de óvnis e de tecnologias desconhecidas que atuam na Terra, assim como o Equador, que criou uma comissão de investigação oficial coordenada por um ufólogo e que mantém uma política de desclassificação onde os militares não mais precisam manter sigilo de seus envolvimento com a questão.

O contexto da falsa guerra é exposto de várias formas e que através do apelo do *Disclosure Project* e do ex-ministro da defesa canadense Paul Hellyer, por exemplo, nos damos conta de existem pessoas que se organizam em denunciar uma conspiração humano/alienígena em que monstruosos esforços estão sendo feitos por “debaixo do pano” para se alcançar tecnologias alienígenas capazes de armar forças políticas ocultas que emanam intenções de controle social planetário.

Mais uma vez, a intenção se volta sobre os terráqueos. Os próprios humanos disfarçados de alienígena tentando controlar a si mesmos. Nesse sentido, as pesquisas sobre a alteridade alienígena podem contar com sugestões de pessoas com altas credenciais, dentre militares e políticos, que apontam que o encontro com o Outro alienígena pode ser o encontro com o humano terráqueo disfarçado. Afinal, o que se sustenta aqui é que alguns óvnis não são alienígenas, mas conspirações humanas.

Bibliografia

ARANHA, Jayme M. F. *Inteligência Extraterrestre e Evolução: As especulações Sobre a Possibilidade de Vida em Outros Planetas no Meio Científico Moderno*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1990

ARGÜELLES, José. *O Fator Maia: Uma Caminho Além da Tecnologia*, Cultrix, 1987

ALVARENGA, Luís. G. *Uma Visão Abrangente da Ufologia*, 2010

BLUM, Ralph e Judy. *Beyond Earth: Mans's Contact With UFOs*, Edibolso, São Paulo 1974

FERREIRA, José F. N. *A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência*, UnB, 1984

LITTLE Paul E. *Ecologia Política Como Etnografia: Um Guia Teórico e Metodológico*, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2006

JUNG Carl. G. *Um Mito Moderno*, Minotauro, 1961

OLIVEIRA Wilson G. *O Movimento Ufológico: Reflexo da Necessidade de Um Modelo de Compreensão da Realidade*, Brasília, UnB, 1995

PEIRANO Mariza G. S. *Antropologia no Brasil: Alteridade Contextualizada*, ANPOCS, 1999

Rede Globo, *A versão oficial dos OVINs no Brasil*,

Rede Globo, *Operação Prato*, Linha Direta Especial

Rede SBT, *Óvnis Arquivo Secreto*, Janeiro de 2011

UnB CPCE, *O Mistério que Veio do Espaço* Estação Ciência

UFO documentário, *Operação Prato*, disponível em, 2011, www.youtube.com/doctalove

Terceiro Milênio, *Entrevista com o coordenador geral da Ceifo, Jaime Rodrigues*, disponível em, 2010, <http://www.youtube.com/user/tercermilenio>

Disclosure project, *Conferência em Washington*, disponível em, 2011, www.disclosure.com

Discurso proferido por Ronal Reagen na ONU, *Out of the blue*, disponível em, 2011, <http://www.youtube.com/watch?v=mdZpRcTBwdA>

Centro de Ufologia Brasileiro, CUB, *Entrevista com Paul Hellyer*, disponível em, 2011, http://www.cubbrasil.net/index.php?option=com_content&task=view&id=503&Itemid=108

Imprensa do Brasil, Material Jornalístico sobre o *Fórum Global de Competitividade*, disponível em, 2011, <http://imprensado brasil.com.br/portal/?p=1998>